



**Instituto Politécnico De Portalegre**

**Escola Superior de Educação Ciências Sociais**

Dissertação de Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

# **RISCOS ASSOCIADOS AO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PERSPETIVA DOS ADOLESCENTES E DAS FAMÍLIAS**

Alexandra Vanessa Silva Correia

Orientadora: Professora Doutora Maria José Martins

**Portalegre, outubro de 2019**

**Instituto Politécnico De Portalegre**  
**Escola Superior de Educação Ciências Sociais**

Dissertação de Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

**RISCOS ASSOCIADOS AO USO DAS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS NA PERSPETIVA DOS ADOLESCENTES E  
DAS FAMÍLIAS**

Alexandra Vanessa Silva Correia

Orientadora: Professora Doutora Maria José Martins

**Portalegre, outubro de 2019**

## **CONSTITUIÇÃO DO JÚRI**

Presidente: Professor Doutor Abílio José Maroto Amiguiinho

Arguente: Professora Doutora Suzana Nunes Caldeira

Orientador: Professora Doutora Maria José das Dores Martins

Riscos associados ao uso das tecnologias digitais na perspectiva dos adolescentes e das famílias

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

São muitas as pessoas às quais gostaria de homenagear e agradecer, os motivos são diversos, mas especialmente porque acredito que “todas as pessoas levam um pouco de nós e deixam um pouco de si”. Não sendo possível, mencionarei os que mais contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado e o término de, mais uma, etapa tão importante da minha vida pessoal e profissional. Considerem-se homenageados todos os que passaram pela minha vida ao longo deste percurso e, que por sua vez, deixaram uma parte de si. Desta forma, quero expressar os meus agradecimentos...

À Professora Doutora Maria José Martins, orientadora da dissertação, pela ótima orientação que me prestou, pelos conselhos, pela disponibilidade e pelo apoio ao longo da realização deste trabalho.

À Sr.<sup>a</sup> Diretora da Instituição de Acolhimento do Alto-Alentejo, pela disponibilidade e pela autorização da realização das entrevistas na instituição.

Aos adolescentes e aos pais entrevistados, por mostrar disponibilidade e interesse para participar no estudo.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo carinho, pela paciência, pela persistência, pelo apoio, por acreditarem que eu era capaz e pela pessoa que me tornei ao longo deste tempo todo. Sem vocês nada disto seria possível.

Ao meu namorado, pelo companheirismo, pelo apoio e pela paciência que teve comigo neste período de tempo

À minhas amiga Filipa, pela disponibilidade, pelo apoio, por me ajudar cada vez que era necessário e por estar sempre presente cada vez que precisei.

Às minha amigas de Portalegre e às TUNINFAS, que apesar deste último ano eu estar ausente, elas sempre estiveram de braços abertos e dispostas para me receber cada vez que voltava à cidade onde um dia fui feliz.

A todos vós, o meu especial AGRADECIMENTO!

## RESUMO

A presente investigação pretende estudar os riscos associados ao uso das tecnologias digitais, e dar um contributo para compreender o fenómeno do *cyberbullying*, na perspetiva dos adolescentes e das famílias. Para o efeito conduziu-se um estudo qualitativo, tendo-se elaborado dois guiões de entrevista. As entrevistas eram semiestruturadas que foram conduzidas com 13 adolescentes, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos, e ainda com 5 mães e 1 pai.

O presente estudo teve como objetivos: conhecer qual a frequência e tipo de utilização que os adolescentes fazem das TD; identificar os riscos/perigos associados ao uso das TD nos adolescentes; identificar / compreender ocorrências de *cyberbullying* entre adolescentes, nos papéis de vítima, agressor e observador; identificar os motivos invocados pelos adolescentes para as ocorrências de *cyberbullying* e o modo como lidaram com as mesmas nos diferentes papéis e identificar as opiniões e perspetivas das famílias sobre a utilização das TD por parte dos adolescentes (imposição ou não de regras de utilização das TD; conhecimentos sobre os riscos de utilização da internet e em particular sobre o *cyberbullying* e a experiência dos seus filhos nesta matéria).

**Palavras-chave** – *cyberbullying*; riscos; utilização das TD; família; adolescentes.

## **ABSTRACT**

This research aims to study the risks associated with the use of digital technologies, and to contribute to understanding the phenomenon of cyberbullying, from the perspective of adolescents and families. For this purpose, a qualitative study was conducted, and two interview guides were prepared. The interviews were semi-structured and were conducted with 13 adolescents of both sexes, aged between 10 and 17 years, and with 5 mothers and 1 father.

The present study aimed to: know how often and how adolescents use DTs; identify the risks / dangers associated with the use of DT in adolescents; identify / understand occurrences of cyberbullying among adolescents, in the roles of victim, perpetrator and observer; identify the reasons given by adolescents for the occurrence of cyberbullying and how they dealt with them in the different roles and identify the opinions and perspectives of families about the use of DTs by adolescents (imposing or not the use of DT rules; knowledge about the risks of internet use and in particular about cyberbullying and your children's experience in this area).

**Keywords:** cyberbullying; risks; use of DTs; family; teenagers.

## **ABREVIATURAS**

TD – Tecnologias Digitais

MMS – Multimedia Message System

SMS – Short Message Service



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	12
1. OS ADOLESCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS .....	15
1.2. TIPOS DE RISCOS NA INTERNET .....	17
1.3. RESPOSTA AO RISCO .....	21
2. O BULLYING E CYBERBULLYING NA ADOLESCÊNCIA .....	21
2.1. A ADOLESCÊNCIA .....	21
2.2. O <i>BULLYING</i> .....	22
2.2.1. Tipos de <i>bullying</i> .....	23
2.3. O <i>CYBERBULLYING</i> .....	23
2.3.1. Participantes e papéis desempenhados .....	26
2.3.3. Caracterização das vítimas de <i>cyberbullying</i> .....	27
2.3.4. Indícios de <i>cyberbullying</i> .....	28
2.4. PREVALÊNCIA DO CYBERBULLYING EM PORTUGAL.....	29
3. MOTIVOS E EMOÇÕES ASSOCIADOS AO <i>CYBERBULLYING</i> / PAPEL DA FAMÍLIA, DA ESCOLA E DO GRUPO DE PARES.....	31
3.1. EMOÇÕES EXPERIMENTADAS PELAS VÍTIMAS E AGRESSORES .....	31
3.2 MOTIVOS QUE LEVAM À PRÁTICA DE CYBERBULLYING .....	31
3.3. PAPEL DA ESCOLA, DOS PAIS E DOS AMIGOS.....	32
3.3.1. O papel da escola e do grupo de amigos na mediação do uso das TD .....	32
3.3.2. O papel da família na mediação do uso das TD .....	32
4. MÉTODO.....	35
4.1. PARTICIPANTES.....	35
4.2. INSTRUMENTO .....	36
4.3. PROCEDIMENTO .....	39
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....	41
5.1. AS PERSPETIVAS DOS PRÉ-ADOLESCENTES E DOS ADOLESCENTES.....	41
5.1.1 Ocupação dos tempos livres e tipo de utilização das tecnologias digitais .....	41
5.1.2 – Temas e imagens chocantes e impressionantes na internet.....	44
5.1.3 – Tempo de utilização das tecnologias digitais .....	45
5.1.4. – Finalidade de utilização das tecnologias digitais.....	47
5.1.5. – Existência ou inexistência de regras impostas ao adolescente.....	49

5.1.6. – Conhecimentos sobre <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> do adolescente .....	51
5.1.7. – Os papéis desempenhados pelos adolescentes no <i>bullying</i> e/ou no <i>cyberbullying</i> .....	53
5.1.8 Motivos da prática do fenómeno.....	54
5.2. As perceções dos pais face à utilização das tecnologias digitais por parte dos adolescentes .....	57
5.2.1. – Aspetos positivos e negativos na utilização das tecnologias digitais.....	57
5.2.2. – Dependências dos adolescentes na visão dos pais .....	59
5.2.3. – Comparação entre os hábitos dos jovens atuais com os dos jovens de antigamente .....	60
5.2.4. – Regras impostas pelos pais aos adolescentes .....	61
5.2.5. – Conhecimentos sobre <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> dos pais .....	62
5.2.6. – Os papéis desempenhados pelos adolescentes no <i>bullying</i> e/ou no <i>cyberbullying</i> no ponto de vista dos pais.....	64
6. CONCLUSÕES DISCUSSÃO .....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	73
ANEXOS.....	77
INFORMAÇÃO E CONSENTIMENTO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO .....	78
ENTREVISTA AOS FAMILIARES.....	79
ENTREVISTA AOS ADOLESCENTES .....	81

## INDICE DE TABELAS

Tabela nº1 – Riscos relacionados com o risco de acesso à internet.....	16
Tabela nº 2- Objetivos de cada pergunta do guião dos pré-adolescentes / adolescentes....	36
Tabela nº3 - Objetivos de cada pergunta do guião dos familiares.....	37
Tabela n.º 4 – Ocupação de tempos livres dos jovens.....	41
Tabela nº 5 - Temas e imagens na internet que chocam e impressionam os pré-adolescentes e os adolescentes.....	43
Tabela nº6 – Tempo de utilização das tecnologias digitais por parte dos pré-adolescentes e adolescentes.....	44
Tabela nº7 – Finalidade de utilização das tecnologias digitais segundo os pré-adolescentes e adolescentes.....	46
Tabela nº 8 – Regras na utilização da internet e das novas tecnologias segundo o adolescente.....	49
Tabela nº9 – Conhecimento dos pré – adolescentes e dos adolescentes sobre o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> .....	50
Tabela nº 10 – Experiência do adolescente no <i>bullying</i> ou no <i>cyberbullying</i> .....	52
Tabela nº 11 – Motivos da prática do <i>cyberbullying</i> ou <i>bullying</i> invocados pelos adolescentes.....	54
Tabela nº 12 – Aspetos positivos e negativos quando os adolescentes utilizam as TD no ponto de vista dos pais.....	56
Tabela nº 13 – Dependências da internet, das novas tecnologias e dos jogos <i>online</i> segundo os pais.....	58
Tabela nº 14 – Diferenças entre os tempos atuais e os tempos antigos no ponto de vista dos pais.....	59
Tabela nº 15 – Existência ou inexistência de regras impostas por parte dos pais aos filhos quando utilizam a internet e as tecnologias digitais.....	60
Tabela nº 16 – Conhecimento dos pais sobre o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> .....	61
Tabela nº 17 – Experiência de <i>bullying</i> e/ ou <i>cyberbullying</i> dos filhos dos entrevistados.....	63

## INTRODUÇÃO

As novas tecnologias têm um importante papel na atualidade, a nível da educação, do trabalho, comunicação, lazer, etc. (Seixas, Fernandes & Morais, 2016).

“As tecnologias da informação e da comunicação têm vindo a assumir uma relevância crescente na sociedade contemporânea e, mais especificamente, nas interações que estabelecemos na nossa vida quotidiana, estejam elas inscritas num contexto profissional ou pessoal e social. Este protagonismo evidencia-se nos números que retratam a utilização de meios como o telemóvel e a Internet nos últimos anos, e que revelam um crescimento contínuo entre a população em geral e, em particular, entre as crianças e os jovens” (Matos, Pessoa, Amado & Jäguer, 2011:184).

A evolução das novas tecnologias fez com que as pessoas de diferentes pontos do país e de outros países tivessem mais facilidade para comunicar entre si. Em contrapartida, a evolução das tecnologias digitais (TD) fez com que a ocorrência de riscos na internet aumentasse, permitindo em particular o fenómeno do *bullying* em contexto digital, vulgarmente designado por *cyberbullying*.

Segundo Livingstone, Haddon & Görzig (2012) quem utiliza mais a internet tem uma probabilidade mais elevada de estar exposto a riscos mas também se encontra mais “preparado” para os resolver.

O *cyberbullying* exhibe características distintas às do *bullying* tradicional, ou seja, transpõe o horizonte do espaço e do tempo e estabelece fontes de poder que consiste na utilização das novas tecnologias e aumenta o poder pessoal do agressor e a vulnerabilidade da vítima, também, aumenta (Amado, Matos, Pessoa & Jäguer, 2009 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013).

O aparecimento dos maiores riscos acontecem quando as crianças são principiantes na utilização da internet, ou seja, quanto maior for o uso negligente maior é o risco. As crianças e os adolescentes têm acesso à internet devido aos avanços tecnológicos o que exige que exista uma maior compreensão, controlo e proteção da segurança dos filhos por parte dos pais. Contudo muitos estudos evidenciam que os pais têm frequentemente menos competências que os filhos quando se trata de utilizar as tecnologias digitais, o que pode dificultar a mediação parental (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011).

A principal vantagem que existe na evolução das TD é que quem utiliza os aparelhos móveis refere que se sente menos aborrecido por poder utilizar os *smartphone* e estar mais perto dos amigos. A disponibilidade de contatarmos com os amigos e organizarmos as atividades do quotidiano são, realmente, vantagens muito destacadas (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto & Azevedo, 2014).

Além das atividades de comunicação e de entretenimento, a pesquisa de informação para saciar a curiosidade pessoal também é importante para quem tem acesso à internet através dos *smartphones* ou *tablets*. A utilização de *smartphones* não aparenta influenciar a utilização da internet para a realização dos trabalhos de casa, mas no caso dos *tablets* não se pode dizer o mesmo, pois a dimensão dos seus ecrãs aproxima-se da dimensão dos computadores portáteis (ibidem).

Este trabalho procura assim dar um contributo para a compreensão dos riscos associados à utilização das tecnologias digitais, em geral, e do cyberbullying, em particular, na perspetiva dos adolescentes e das suas famílias.

Foram formuladas as seguintes questões de investigação para este trabalho:

- Qual é o conhecimento, experiência e utilização que os adolescentes fazem das TD, na atualidade?
- Que conhecimento e experiência têm as famílias da utilização que os adolescentes fazem das TD?
- Saber se os adolescentes da presente amostra tiveram ou não experiências de *cyberbullying* no papel de vítima, agressor e observador e como lidaram com essas situações.

Os objetivos da presente investigação foram os seguintes:

- Conhecer qual a frequência e tipo de utilização que os adolescentes destes estudos fazem das TD.
- Identificar os riscos/perigos associados ao uso das TD nos adolescentes.
- Identificar / compreender ocorrências de *cyberbullying* entre adolescentes, nos papéis de vítima, agressor e observador.
- Identificar os motivos invocados pelos adolescentes para as ocorrências de *cyberbullying* e o modo como lidaram com as mesmas nos diferentes papéis.
- Identificar as opiniões e perspetivas das famílias sobre a utilização das TD por parte dos adolescentes (imposição ou não de regras de utilização das TD; conhecimentos sobre os riscos de utilização da internet e em particular sobre o *cyberbullying* e a experiência dos seus filhos nesta matéria).

O presente trabalho encontra-se dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo refere-se aos adolescentes e as tecnologias digitais. No mesmo, serão abordados dois subtítulos, os tipos de risco na internet e a resposta ao risco que pode ocorrer na utilização da internet. O segundo capítulo diferencia, define e clarifica dois grandes fenómenos, o *bullying* e o *cyberbullying* na adolescência, onde são descritos os conceitos de adolescência, o *bullying* e o *cyberbullying*. O terceiro capítulo expõe os motivos e as emoções associados ao *cyberbullying*, descreve e explica ainda o papel da família, da escola e do grupo de pares perante situações de *cyberbullying*. O quarto capítulo descreve o método utilizado para a realização do presente estudo. O quinto capítulo apresenta e analisa os resultados e no sexto capítulo apresentam-se as conclusões e a discussão dos dados obtidos.

## 1. OS ADOLESCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

As novas tecnologias têm tido um papel muito importante em várias áreas como a educação, informação e lazer, crescendo exponencialmente principalmente entre os jovens, que têm cada vez mais fácil acesso às mesmas, podendo aceder em qualquer lugar. Por outro lado, esse crescimento trás preocupações relativamente à privacidade, segurança, acesso a conteúdos impróprios, etc.. Uma das maiores preocupações associadas à facilidade de acesso às tecnologias tem a ver com a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos no contexto digital (Seixas, Fernandes & Morais, 2016).

Na atualidade, os nossos jovens começam a aceder ao mundo digital cada vez mais cedo (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

O aparecimento da possibilidade de comunicação através das novas tecnologias tem feito com que exista uma nova oportunidade de que as crianças e os jovens possam intimidar e assediar os seus amigos. Quando um jovem ou uma criança passa por uma situação como as que foram referidas, tem tendência a ter medo de utilizar e explorar recursos *online* e podem sofrer problemas psicológicos e físicos graves (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016).

Através do avanço das tecnologias digitais apareceram também novas formas de comunicação e interação que são usadas no nosso quotidiano. O mundo digital tem as suas próprias regras, e quem as utiliza pode, em algumas situações, usar outros modos de interagir com as restantes pessoas, outros modos que não são os que aprenderam nos processos de socialização (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016).

Os sistemas de socialização no mundo físico, segundo Willard (2004) citado por Seixas, Fernandes & Morais (2016), podem estar associados em torno de quatro «pilares ou forças» primordiais que promovem uma conduta responsável e que servem para auxiliar a existência de uma socialização apropriada das crianças e jovens em contextos presenciais:

- os valores morais e as expectativas sociais , com base nos quais se molda a nossa maneira de ser para com os outros;
- o reconhecimento empático de que uma determinada ou dada situação pode fazer com que outra pessoa se sinta mal, desta forma pode acontecer o surgimento do remorso;
- a desaprovação social de determinadas condutas, neste caso pode existir um sentimento de vergonha ou embaraço se concretizarmos determinadas condutas;

- as consequências negativas, colocadas por figuras/ instituições de autoridade reconhecida, quando em uma dada situação é praticado algum ato ilícito ou negativo ( Willard, 2004 citado por Seixas, Fernandes & Morais, 2016).

“ Estas «forças» orientadoras em contextos presenciais (*offline*) parecem não exercer pressão suficiente nas condutas dos sujeitos em contextos digitais (*online*). Estes podem converter-se em contextos de desinibição. Trata-se de sujeitos que se comportam de forma mais aberta, mais descontraída e menos constrangida no mundo digital do que no mundo físico, presencial, podendo facilitar o surgimento de condutas ou ações que nunca surgiram em situações presenciais, como nos casos de uma comunicação mais hostil ou agressiva” (Seixas, Fernandes & Morais, 2016:28).

Segundo Sampaio (2018) “ um novo horizonte se abriu para os jovens de todo o mundo. Na net, o adolescente procura respostas, experimenta riscos, cria um novo conceito de regulação da distância, quer controlar os acontecimentos ou adquirir uma identidade provisória e temporária” (Sampaio, 2018:34).

No ano 2002, em Portugal, havia apenas 26,9% dos agregados familiares que tinham computador em casa sendo que em 2018 não existem dados sobre o número dos agregados que possuíam computador em casa (PORDATA, 2018).

Em relação à internet, em 2002, apenas 15,1% dos agregados familiares portugueses tinham acesso à internet e em 2018 houve um aumento para 79,4 % dos agregados familiares com acesso à internet. Neste caso, houve um aumento maior do que a posse de computador em casa, o aumento foi de 64,3 % (PORDATA, 2018).

Uma das tecnologias digitais que é utilizada pelos agregados familiares é a internet por banda larga, em 2002, em Portugal, ainda não existem dados sobre a percentagem de agregados familiares que possuíssem este tipo de TD, enquanto em 2018 existem 76,9 % dos agregados familiares com internet por banda larga (PORDATA, 2018).

Segundo Trolley & Hanel (2010) citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso (2013), as novas tecnologias de informação favoreceram o aparecimento das redes sociais, causadoras de novas e múltiplas interações entre indivíduos que vão além dos espaços físicos restringidos, especialmente o espaço escolar e o espaço do lar. As tecnologias digitais quebram a diferenciação de espaços de convívio, alargando-os e integrando-os, mas também aumentam de forma rápida os espaços que os jovens e as crianças sentem como ameaçadores.



## 1.2. TIPOS DE RISCOS NA INTERNET

A apreciação dos benefícios e riscos da utilização das tecnologias digitais depende de muitos fatores (Ponte & Batista, 2019).

O projeto *Eu Kids Online* revelou que “as oportunidades e os riscos que ocorrem na internet andam a par, na lógica de quanto mais, tanto mais: quanto mais os jovens usam a internet, tanto mais beneficiam das oportunidades, adquirem competências, e estão expostos a riscos” (Livingstone et al., 2011 citado por Ponte & Batista, 2019:13).

Ponte, Jorge, Simões & Cardoso (2012) no âmbito de um projeto europeu denominado *Eu Kids Online* consideraram que as tecnologias digitais podem ser vistas quer como uma fonte oportunidades e benefícios quer uma fonte de riscos, que se detalham e explicam na tabela nº1.

	Conteúdo	Contacto	Conduta
Agressividade	Conteúdos violentos / macabros	Vítima de bullying, assédio ou perseguição	Exercer bullying, atividade hostil sobre os pares
Sexuais	Conteúdos pornográficos	Conhecer estranhos, exploração ou abuso sexual	Assédio sexual, sexing
Valores Negativos	Conteúdos racistas, odiosos	Persuasão ideológica	Conteúdos potencialmente nocivos gerados por utilizadores
Comerciais	Marketing integrado	Abuso de informação pessoal	Apostas, infração de direitos de autor

Tabela nº1 – Riscos relacionados com o acesso à internet (Jorge, Simões & Cardoso (2012:14 - *Eu Kids Online* (2010)

Os questionários realizados no âmbito do projeto *Eu Kids Online* de 2010 tiveram como objetivo o estudo os riscos que podem surgir quando as crianças e jovens utilizam a internet. As crianças e os jovens podem correr riscos como destinatários de assuntos e fluxos de comunicação de um para muitos – riscos de conteúdo, podem estar expostos a conteúdos pornográficos ou violentos; como participantes de uma conversa começada por um outro alguém - riscos de contacto, assédio através da internet e /ou como protagonistas, são os

próprios que concebem assuntos ou determinam relações negativas com outras crianças/ jovens – comportamento agressivo (Ponte & Batista, 2019).

Num estudo de Ponte, Jorge, Simões & Cardoso (2012) realizado em Portugal sobre os riscos na internet experimentados por 1000 crianças e jovens, Portugal, foi considerado um dos países com mais baixa ocorrência de risco, somente 7% das crianças e jovens investigados admitiram que tinham ficado incomodados por um ou mais dos riscos que foram referidos na tabela 1, enquanto a média europeia é de 12%. Sendo assim, a maioria das crianças e jovens que participaram nos inquéritos referiram que não tinham tido qualquer tipo de experiência transtornante *online*, os mesmos pareciam estar à vontade com as atividades na internet que alguns adultos consideram de risco (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Em relação às imagens de cariz sexual houve 24% das crianças e jovens inquiridos que referiram ter observado imagens pornográficas. Deste modo, houve 13% dos inquiridos que referiram que viram este tipo de imagens na internet, na televisão e/ou nos filmes, os restantes inquiridos referiram que tiveram acesso a estas imagens através de livros, revistas e/ou telemóvel (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

O conteúdo das imagens de cariz sexual que os inquiridos observaram era particularmente de pessoas nuas, com uma percentagem de 65% de crianças e jovens; a percentagem dos que observaram relações sexuais foi de 64%; uma percentagem de 37% das crianças/ jovens tiveram contato com imagens de genitais e por último 9,8% assistiram a vídeos ou imagens de sexo violento (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

A minoria dos participantes mencionou que se encontram perturbados com a experiência, a maioria declarou que a perturbação passou imediatamente e apenas três jovens afirmaram que a perturbação desapareceu passado uns dias (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Por outro lado, um dos riscos existentes são as mensagens de cariz sexual conhecidas como *sexting*. Neste caso, apenas 3% das crianças e jovens inquiridos referiram que enviaram ou colocaram mensagens de caráter sexual e 15% aludiram que viram ou receberam este tipo de mensagens (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Os jovens tiveram acesso a este tipo de mensagens através de serviços de mensagens instantâneas, *e-mails* e redes sociais, que remete para a partilha entre pares. Por outro lado, os *pop-ups* e os *chats* também serviram para que um em cada cinco jovens acedem a mensagens de cariz sexual, notou-se que os *sites* de jogos são menos expressivos (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Este tipo de experiência causou incómodo à maioria dos inquiridos. Sendo assim, 64% dos inquiridos relatou que ficou um pouco perturbado, 13% ficou bastante perturbado, e por último, 14% constatou que ficou muito perturbado (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Segundo os inquéritos realizados, apenas 2% dos jovens sofreram de *bullying online* e 9% sofreram de *bullying offline* (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Os inquiridos afirmam que correram *bullying online* através dos serviços de mensagens instantâneas, nomeadamente o *Messenger*, redes sociais e *chats*; o *e-mail* e *sites* de jogos foram os menos significativos. Através destes resultados remete-se para a ideia de que as vítimas possam ter sido assediadas por amigos ou por pessoas que se encontram nas suas redes de contatos habituais (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012). Este tipo de agressão aconteceu através de mensagens maldosas enviadas à vítima e/ou mensagens maldosas sobre a mesma a terceiros (ibidem).

Metade das vítimas referiram que se sentiram-se um pouco incomodadas, 24 % sentiu-se bastante incomodadas, 20 % não sentiu qualquer tipo de incómodo e 7% sentiu-se muito incomodadas em relação a este tipo de risco (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Outro risco que foi estudado no inquérito supra referido foram os encontros com pessoas que os jovens conheceram *online*. Houve uma percentagem de 16% dos jovens que admitiram que conversam com pessoas desconhecidas através da internet e 5% admitiram que acabaram por se encontrar pessoalmente com pessoas que conheceram através da internet (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

O contato com pessoas desconhecidas foi realizado através do *e-mail* (42%), redes sociais (36%), *sites* de jogos (8%) e *chats* (5%) (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Uma percentagem de 15% dos jovens referiu que se encontraram pessoalmente com pessoas que conheceram *online* e que se sentiram incomodados com este tipo de experiência. Por outro lado, a maioria dos jovens afirmaram que foram acompanhados, por um amigo, ao encontro, nenhum dos inqueridos referiu que tivesse ido acompanhado por um adulto. O incómodo destes encontros esteve relacionado com o facto de que a outra pessoa ter dito coisas ofensivas e ofensas sexuais (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Por último, existe o risco de contato com conteúdos nocivos e abuso de informação pessoal. Este tipo de risco pode ocorrer através do uso da palavra-passe para aceder a informações pessoais ou para se fazer passar pela pessoa e utilização abusiva da sua informação pessoal por outrem. Através deste tipo de abuso as vítimas podem correr risco de fraude na internet.

Neste caso, 15% dos jovens, com idades compreendidas entre Aos 11 e os 16 anos, declararam que estiveram em contato com conteúdos potencialmente nocivos concebidos por utilizadores da internet e 6% revelaram que foram vítimas de abuso de informação pessoal (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012).

Ponte & Batista (2019) realizaram um estudo, no ano de 2018, junto de 1974 crianças e jovens portugueses sobre os riscos que experimentam na internet.

No ano de 2018 a percentagem das crianças e jovens que viveram situações de risco na internet aumentou para 23%, desta forma considera-se que houve um aumento de 16% de crianças que ficaram incomodadas ou perturbadas (Ponte & Batista, 2019).

Em 2018, a percentagem de crianças que tiveram expostos a conteúdos de cariz sexual, seja mensagens ou imagens sexuais, aumentaram para 37% das crianças e jovens (Ponte & Batista, 2019).

O *bullying online e offline* continua, no ano de 2018, a ser o risco que mais incomoda as crianças e os adolescentes portugueses. Desta forma, houve uma percentagem de 24% das crianças e jovens que mencionaram ser incomodadas através da internet (Ponte & Cardoso, 2019).

O risco de conhecer pessoas através da internet tem sido uma das grandes preocupações dos familiares dos adolescentes. No ano de 2018 a percentagem de adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos foi de 71% dos jovens que contataram com pessoas que não conheciam face à face e 62% dos jovens com idades dos 13 aos 14 anos, tiveram contato com desconhecidos (Ponte & Batista, 2019).

O contato com conteúdos nocivos, em 2018, também aumentou de forma exagerada. Desta forma 46% dos jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos assumiram que viram imagens nojentas ou violentas contra pessoas e/ou animais; 45% observou *sítes* sobre a automutilação; 43 % viram mensagens racistas ou discriminatórias. Além destes conteúdos, os jovens, também enunciaram que viram assuntos relacionados com o consumo de droga (35%), incentivo à anorexia (32%) e/ou maneiras de executar um suicídio (29%) (Ponte & Batista, 2019).

### 1.3. RESPOSTA AO RISCO

“ Quando ocorrem experiências negativas na internet, as respostas de crianças e jovens combinam estratégias para lhes fazer frente e reduzir o *stress* emocional e psicológico.” (Vandonick et al., 2013 citado por Ponte & Batista, 2019).

As crianças e os jovens procuram mais respostas a nível social, ou seja, pedir ajuda e apoio a outras pessoas, este tipo de estratégia é considerada a mais eficaz (Ponte & Batista, 2019).

Segundo o projeto *EU Kids Online* 2018, os pais (33%) e os amigos (42%) são considerados as principais fontes de apoio das crianças e dos jovens quando existem problemas na internet, de seguida estão os irmãos / irmãs (13%) e outros adultos em quem as crianças confiam (9%). Existe uma percentagem de 5% das crianças e dos jovens que referem que falaram com professores (ibidem).

Em contrapartida, 22% dos jovens não falaram com ninguém sobre a situação que o incomodou na internet (ibidem).

Além do apoio dos familiares e dos amigos, os jovens e as crianças também utilizam respostas ativas (33%), como por exemplo: bloquear a pessoa, que o incomodou, na rede social e respostas passivas, como por exemplo: ignorar a situação e esperar que se resolva sozinha (33%) ou fechar a janela ou a aplicação (25%) (Ponte & Batista, 2019).

Após uma experiência negativa apenas 12% dos jovens modificaram as definições de privacidade e 11 % dos jovens reportaram conteúdos ou contatos inapropriados ao gestor da plataforma (ibidem).

## 2. O BULLYING E CYBERBULLYING NA ADOLESCÊNCIA

### 2.1. A ADOLESCÊNCIA

A adolescência começa com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida o seu crescimento e a sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência económica, além da integração no seu grupo social (Tanner, 1986 citado por Eisenstein, 2005).

Segundo a OMS, a adolescência, começa aos 10 anos e termina ao 19 anos de idade, por outro lado a ONU diz que esta etapa vai dos 15 aos 24 anos de idade (WHO, 1986 citado por Eisenstein, 2005).

Por outro lado, Miguel (1990), refere que a adolescência “é o período em que já não se é criança mas ainda não se é adulto. É um período de transformações profundas, no corpo,

nas relações com os pais e com as outras pessoas, e em muitos aspetos da vida. É um período de dificuldades e conflitos relacionados com todas essas transformações mas também um período rico em ideias, experiências, sonhos, projetos.” (Miguel, 1990: 6).

A adolescência é uma etapa que se encontra entre a infância e a idade adulta. Segundo a teoria do desenvolvimento de Erikson, a adolescência vive-se a crise da identidade/confusão de identidade (Sampaio, 2018).

Erikson defende que é nesta etapa que o adolescente obtém a sua identidade psicossocial, necessita de perceber qual é o seu papel no mundo, ao mesmo tempo que se consciencializa da sua singularidade (Sampaio, 2018).

## 2.2. O BULLYING

O termo *bullying*, surge da palavra inglesa *bully*, significa gozar, oprimir, ameaçar ou amedrontar alguém de forma repetida e intencional devido a uma desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (Pereira & Antunes, 2018).

O *bullying* consiste numa forma de agressão intencional e repetida que, normalmente, ocorre sem motivo aparente. Acontece quando existe um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor, este tipo de comportamento pode suceder nas escolas, no trabalho, nas universidades ou, até mesmo, no meio onde habitam (Chicote & Martins, 2009).

Segundo vários autores o *bullying* “é uma manifestação de agressão e de violência entre pares, com especial incidência em meio escolar” (Caetano, Amado, Martins, Simão, Freire, & Pessoa, 2017).

Na perspectiva de Amado, Matos, Pessoa, & Jaguer (2009) citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso (2013), trata-se por *bullying* “a agressão a ameaça ou outra qualquer forma de intimidação, premeditadas e repetidas entre pessoas com diferentes posições de poder numa determinada relação social, presentes num mesmo tempo e espaço.” (Amado, Matos, Pessoa & Jaguer, 2009 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013: 46).

Segundo Olweus (1997) citado por Martins (2005) clarifica que o “*bullying* pode ser visto como uma componente de um padrão de comportamento agressivo mais geral que inclui a conduta antissocial e a sistemática infração de regras, como é o distúrbio de conduta” (Olweus, 1997 citado por Martins, 2005:106).

O *bullying* caracteriza-se como ações físicas violentas, diminutivos, ameaças, gestos, repressões, humilhações, ameaças e discriminações. Qualquer tipo de manifestação que faz com que a vítima sinta mal estar pode ser considerado *bullying* (Pereira & Antunes, 2018).

### 2.2.1. Tipos de *bullying*

Segundo Pereira & Antunes (2018) existem diversas formas de praticar *bullying*, nomeadamente:

- *Bullying* físico – consiste na prática de violência física de forma repetida;
- *Bullying* material – consiste na destruição constante dos pertences da vítima;
- *Bullying* psicológico – a vítima é alvo de discriminação, chantagem e intimidação;
- *Bullying* verbal – a vítima é alvo de comentários ridículos em público;
- *Bullying* emocional – a vítima é excluído e chantageado por um grupo ou por uma só pessoa;
- *Bullying* racista – a vítima é insultada devido à cor de pele, religião, etnia ou cultura;
- *Bullying* sexual- a vítima recebe insinuações, abusos, assédios e violações por parte do agressor;
- *Bullying* através da internet – agressões realizadas através da Internet, nomeadamente através das redes sociais, *chats*, serviços de mensagens instantâneas, etc..

### 2.3. O CYBERBULLYING

Uma definição simples e consensual considera que o *cyberbullying* é um comportamento de *bullying* recorrendo a ferramentas de comunicação digital. O que requiere a presença de três elementos primordiais: intenção, repetição e desequilíbrio de poder (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016).

Algumas características do *bullying* podem ter mais do que um sentido, o que causa uma certa dificuldade em encontrar uma definição consensual (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016).

Segundo vários autores “ este aspeto pode ser facilmente comprovado, se olharmos para uma outra característica que se encontra subjacente à definição de *bullying* e que o distingue de outros comportamentos agressivos: o facto de apenas se considerarem como atos de *bullying* as ações que ocorrem entre pares.” (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016:36).

O *cyberbullying* é visto como “ uma agressão intencional, por parte de um sujeito ou grupo de sujeitos, utilizando ferramentas/ formas eletrónicas de contacto, repetidas vezes,

para deliberadamente agredir, perseguir, intimidar, ameaçar, humilhar alguém que não se consegue defender facilmente.” (Seixas, Fernandes, & Morais, 2016:21).

O *cyberbullying* exhibe características distintas às do *bullying* tradicional, ou seja, transpõe o horizonte do espaço e do tempo e estabelece fontes de poder que consistem na utilização das novas tecnologias e aumentam o poder pessoal do agressor e a vulnerabilidade da vítima (Amado, Matos, Pessoa & Jaguer, 2009 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013).

Assim, denomina-se por *cyberbullying* os atos agressivos, intencionais e repetidos através de uma tecnologia, como por exemplo o computador, o telemóvel o *tablet*, entre outros. Os atos são praticados através do *e-mail* e/ou páginas da internet com a finalidade de enviar mensagens e/ou criar *web sites* que difamam, assediam, insultam ou hostilizam outra pessoa de alguma forma (Amado, Matos, & Pessoa, 2009; Jäger, 2010; Smith, 2009 citado por Martins, Veiga Simão, & Azevedo, 2014).

Segundo Pinheiro (2009) citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso (2013), existem três fases de desenvolvimento do *cyberbullying* que podem ser qualificadas de acordo com os meios e as formas de propagação utilizados. A primeira fase seria o pré-*cyberbullying*, esta fase consiste na utilização de uma fotocopiadora e telefone fixo, imagens, escrita de textos falsos e chamadas anónimas; a segunda fase é o *cyberbullying*, esta fase consiste no uso de telemóveis da 1ª e 2ª geração, com mensagens de texto e com fotografias e internet; a terceira, e última fase, é chamada por *bullying* digital, como reflexo do aparecimento das consequências da má utilização da internet, nesta fase recorre-se à internet e aos telemóveis de 3ª geração com fotografias e filmes, e o aparecimento de câmaras fotográficas digitais. Como podemos observar nas fases referidas anteriormente, a prática de *cyberbullying* é cada vez mais desenvolvida, começou por uma mera fotocopiadora e, neste momento, é feita por qualquer nova tecnologia (Pinheiro, 2009 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013).

Existem diferentes tipos de *cyberbullying* em função do comportamento e do estilo agressivo. Desta forma, Willard (2005) citado por Freire, Alves, Breia, Conceição & Fragoso (2013), classificou da seguinte forma:

- mensagens inflamadas – este comportamento pode ter começado num ato face a face ou online, mas pode ter evoluído para a agressividade através da internet, incluindo o envio / receção de mensagens irritantes, rudes, iradas e obscenas, podem ser mensagens enviadas em privado ou através de comentários públicos.



- assédio online – este tipo de *cyberbullying* é feito através do envio repetitivo de mensagens abusivas/ insultuosas com o intuito de aborrecer, ameaçar e alarmar quem as recebe, através do *e-mail* ou outro tipo de instrumentos de envio de mensagens de texto. Estas mensagens podem ser de carácter anónimo ou não;
- dissimulação – o agressor põe-se no papel de outra pessoa com a finalidade de a deixar mal;
- revelar dados pessoais de alguém – enviar ou partilhar informações confidenciais, embaraçosas ou sensíveis de outra pessoa que, desta forma, viola, evidentemente, a privacidade da outra pessoa;
- difamação– consiste na partilha de falsos testemunhos, lesivos e cruéis sobre uma determinada pessoa para outras pessoas, ou partilha de boatos e rumores na internet com a finalidade de causar dano na reputação ou nas amizades da mesma;
- exclusão – consiste em excluir alguém de um grupo online de forma cruel;
- *cyberstalking* – assediar/ perseguir alguém na internet através do envio repetido e persistente de ameaças e/ou intimidar alguém, com o intuito de causar medo a outra pessoa.

Em relação às formas de propagação, sabendo que o *cyberbullying* pode acontecer através de diversas formas, desde o computador, o telemóvel, o *tablet* a *playstation* entre muitos outros recursos, desde que os recursos sirvam para aceder à internet. Assim sendo, Kowalski, Limber, & Agaston (2008); Willard (2005) citados por Martins, Veiga Simão & Azevedo (2014) referem existem vários meios para praticar *cyberbullying*:

- SMS – consiste no envio ou na receção de mensagens abusivas;
- MMS – consiste na partilha ou receção de fotos, imagens e/ou filmes abusivos;
- *E-mail* – consiste no envio de *e-mails* maliciosos, ameaçadores e /ou difamadores a alguém sobre outra pessoa;
- Serviço de mensagens instantâneas – envio ou receção de mensagens abusivas, utilizando os serviços de mensagens instantâneas, como por exemplo: *Messenger*, *Whatsapp*, entre outros;

- *Websites* – consiste na revelação de forma abusiva de segredos ou dados pessoais detalhados sobre alguém e/ou partilhar comentários enfadonhos nas redes sociais.

Segundo os autores Seixas, Fernandes e Morais (2016), existem três vetores de caracterização do *cyberbullying*, nomeadamente:

- tipos de discurso;
- formas de disseminação;
- tipos de ação.

Os mesmos autores defendem que os vetores de caracterização do *cyberbullying*, podem ser ligados de diferentes formas. As ações de *cyberbullying* mais frequentes, principalmente, nos jovens são:

- divulgar mentiras, ameaças, humilhações ou fotografias com um conteúdo embaraçoso, recorrendo a variadíssimas formas de partilha;
- gerar perfis falsos nas redes sociais, como por exemplo o *facebook*, com o intuito de realizar as ações acima descritas;
- recorrer a blogues com o fim de difamar o / os outro /os usando diferentes tipos de linguagem/ conteúdos digitais;
- roubar os *usernames* e *passwords* de outra pessoa e de seguida enviar mensagens insultando, humilhando e/ou provocando o grupo de pares do outro e , também, aceder a dados materiais privados dos colegas;
- partilhar imagens humilhantes e embaraçosas que foram captadas com o objetivo de causar dano ao outro. (Seixas, Fernandes e Morais, 2016).

### 2.3.1. Participantes e papéis desempenhados

Mason (2008) citado por Seixas, Fernandes e Morais (2016), defende que existem seis tipos de participantes quando se aborda o fenómeno de *cyberbullying*, nomeadamente:

- agressores pró-ativos – são aqueles que as suas ações são feitas em torno de um objetivo, prejudicar terceiros;
- agressores reativos – reagem de acordo com uma provocação ou ameaça percebida, em que muitas vezes é imaginada;
- vítimas dos agressores pró-ativos;

- vítimas dos agressores reativos;
- observadores que fazem parte do problema;
- observadores que fazem parte da resolução do problema.

### 2.3.2. Caracterização dos agressores de *cyberbullying*

No fenómeno do *cyberbullying*, o agressor, é um individuo que opta por “comportamentos abusivos, procurando dominar os outros, baseando as suas relações com ‘terceiros, no egoísmo, na exclusão, na humilhação e, naturalmente, na frequente exposição pública.” (Seixas, Fernandes e Morais, 2016:52).

O perfil do agressor do *cyberbullying*, não é um perfil homogéneo e definido. Algumas das características dos cyberagressores são:

- impulsividade e baixa tolerância à desilusão;
- extrema necessidade de se sentir superior e dominar os outros;
- dificuldade em aceitar e executar normas e regras impostas por terceiros, seja a nível familiar, a nível escolar, a nível social, etc.;
- maior tendência para mostrar comportamentos e atitudes agressivas e violentas;
- pouca compreensão com as vítimas das agressões;
- muitas das relações que o agressor tem com os adultos com quem interage muitas vezes são baseadas em ações de caráter agressivo.
- protagonizam ações tanto de carácter pró-ativo (são ações realizadas com intenção e com o objetivo de atingir alguém) como reativo (são ações realizadas para se defenderem de uma suposta provocação) (Seixas, Morais e Fernandes, 2016).

### 2.3.3. Caracterização das vítimas de *cyberbullying*

O perfil das vítimas de *cyberbullying*, tal e qual como o do agressor, não exibem um perfil definido e homogéneo, sendo assim, não se caracterizam por uma sequência de aspetos psicológicos e relacionais que permitam identificá-las facilmente sem qualquer problema (Seixas, Morais e Fernandes, 2016).

Normalmente, as vítimas de *cyberbullying* são crianças e jovens que mostram uma certa dificuldade em administrar as suas relações com outras pessoas, particularmente no

que se refere à assertividade e defesa dos seus direitos básicos. São indivíduos que têm uma extrema dificuldade em estabelecer e/ou manter relações entre pares, possuindo, muitas vezes, uma rede de apoio social fragilizada ou, por vezes, inexistente quer seja na escola quer no exterior. (Seixas, Morais e Fernandes, 2016).

#### 2.3.4. Indícios de *cyberbullying*

Por vezes, os pré-adolescentes / adolescentes apresentam mudanças radicais que, por vezes, são pensadas como uma coisa normal. Mas esquecemo-nos que por trás dessas mudanças podem haver motivos gravíssimos. Desta forma, é primordial estar atentos a essas mudanças e tentar perceber se existe alguma razão desconhecida.

Álvarez, Alvaréz de Toledo, Avilés, Fierro, Garcia, Gutiérrez... (2013) referem que é através das mudanças nos hábitos do adolescente, no estado de ânimo e nas redes sociais que se nota se existem situações problemáticas, as mesmas são detetadas caso exista uma especial atenção ao comportamento do jovem.

Desta forma, deve-se estar especialmente atento aos seguintes sinais:

- mudanças nos hábitos do adolescente – esconder o uso das tecnologias digitais; faltar às aulas; ausência nas atividades preferidas do adolescente; alteração nos tempos de estudo e no rendimento escolar; mudança nas atividades de lazer habituais; perda de apetite; afastamento repentino da família; desconcentração; mudança na ocupação de tempos livres; mudança de humor e de grupo de pares;
- mudanças no estado de ânimo – alterações repentinas de humor; momentos de tristeza, apatia e indiferença; ansiedade, medo e reações agressivas inusuais e pouca comunicação com os outros;
- mudanças nas redes sociais - estranhas alterações das redes sociais e/ou ausência repentina de amigos nas mesmas; falta de defesa perante as brincadeiras nas redes sociais; medo ou evitar sair de casa;
- mudanças físicas – alteração na forma de estar perante algumas pessoas (medo de olhar nos olhos, cabeça baixa, etc.); alteração na forma de estar no espaço escolar ( medo de ir ao intervalo; estar sempre perto de adultos, estar em espaços que se sinta protegido por adultos); esconder-se quando utiliza o telemóvel ou a internet; explosões agressivas momentâneas; manifestação de doença ou dores frequentes; lesões físicas sem explicação;

- mudanças somáticas – aumento ou perda de peso repentino devido À mudança de hábitos alimentares; falta de apetito ou comer de forma compulsiva; tonturas frequentes com sintomas não frequentes; dor de cabeça e estomago que impedem realizar atividades normais como por exemplo ir à escola e diarreias frequentes (Álvarez, Alvaréz de Toledo, Avilés, Fierro, Garcia, Gutiérrez..., 2013).

#### 2.4. PREVALÊNCIA DO CYBERBULLYING EM PORTUGAL

Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins (2016), realizaram um estudo sobre a prevalência de *cyberbullying* nas escolas portuguesas. Esta pesquisa foi elaborada em 23 escolas portuguesas, tendo como objeto de estudo 3525 alunos que se encontravam entre o sexto, o oitavo e o décimo-primeiro ano escolar.

Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins (2016) referem que segundo estudo realizado 7,6% dos alunos foram vítimas e 3,9% foram agressores.

Em relação à taxa de prevalência de *cyberbullying* existe uma percentagem de 92,1% dos alunos que refere nunca ter sido vitima e 96% dos alunos que refere nunca ter sido agressor; 5% dos alunos referiram que foram vitimas entre uma a quatro vezes por ano e 2,5% dos alunos responderam que tinham sido agressores entre uma a quatro vezes por ano; 0,8% dos alunos referiram que tinha sido vítimas uma vez por mês e 0,3% referiram que tinham sido agressores uma vez por mês; 0,5% aludiram que tinham sido vítimas pelo menos 1 vez por semana e 0,4% confessaram que tinha sido agressores no mesmo espaço de tempo; 1,0% admitiram que tinham sido vítimas várias vezes por semana e 0,4% mencionaram que tinham sido agressores várias vezes por semana; e por último, houve uma percentagem de 0,3 % dos alunos que foram vitimas e 0,3% que foram agressores durante o dia todo. Nesta questão houve um total de 12 estudantes que não quiseram responder à pergunta sobre a vitimização e 3 alunos que não responderam a pergunta sobre a prática do *cyberbullying* (Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins, 2016).

Em relação aos meios utilizados para a prática deste tipo de agressão, segundo o estudo realizado, os meios mais utilizado foram as redes sociais, SMS, MMS e por último, os serviços de mensagens instantâneas (Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins, 2016).

Os tipos de comportamento mais enumerados pelos alunos consistiram em espalhar rumores, envio de mensagens ofensivas, insultuosas e difamatórias, envio de mensagens depreciativas para com outras pessoas, revelar segredos ou informações sobre a vida privada de outra pessoa e por fim ameaças e assédio de forma repetida (Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins, 2016).

Num estudo realizado por Martins, Veiga Simão, Caetano, Freire, Matos, Vieira ... Amado (2019) junto de adolescentes portugueses foram identificados vários fatores pessoais e situacionais que podem influenciar o envolvimento no *cyberbullying* num dos 3 papéis que foram explicitados anteriormente.

O referido estudo salienta o fato dos adolescentes do sexo masculino pertencentes ao ensino secundário estarem mais envolvidos no *cyberbullying* do que as raparigas e do que os adolescentes do ensino básico.

Em relação aos fatores situacionais Martins e colaboradores (2019) enfatizaram o papel do grupo de amigos, do ambiente escolar e do ambiente familiar.

### **3. MOTIVOS E EMOÇÕES ASSOCIADOS AO CYBERBULLYING/ PAPEL DA FAMÍLIA, DA ESCOLA E DO GRUPO DE PARES**

#### **3.1. EMOÇÕES EXPERIMENTADAS PELAS VÍTIMAS E AGRESSORES**

As emoções surgem através de experiências que vivenciamos e que são sentidas no corpo e na mente, são incluídas as ações, as ideias, e o estilo que as ideias fluem (Damásio, 2010 citado por Caetano, Freire, Simão, Martins, & Pessoa, 2016).

Segundo o estudo de Freire, Simão, Martins & Pessoa (2016), as emoções que as vítimas sentem são emoções negativas que estão associadas ao sofrimento.

Existem diversas emoções que as vítimas de *cyberbullying* sentem, nomeadamente: indiferença; tristeza; desespero; terror; raiva; vingança; medo; insegurança; sentir-se sozinho e indefeso; sentir vontade de fugir; sentir vontade de não ver ninguém; humilhação e, por último, injustiça.

No caso dos agressores as emoções que se destacam são emoções positivas, estas emoções parecem remeter para interesses egóicos e para um sentido de controlo sobre as situações (Damásio, 2010 citado por Caetano, Freire, Simão, Martins, & Pessoa, 2016).

Caetano, Freire, Simão, Martins, & Pessoa (2016), referem que as emoções sentidas pelos agressores são: satisfação; alívio; diversão; prazer e sentido de superioridade.

Por outro lado, Damasio (2010) citado por Caetano, Freire, Simão, Martins, & Pessoa (2016) referem que os agressores também sentem emoções negativas, tais como: indiferença; sentimento de culpa; arrependimento; sentir-se zangado consigo mesmo e, por fim, vontade de não ver ninguém.

#### **3.2 MOTIVOS QUE LEVAM À PRÁTICA DE CYBERBULLYING**

Segundo vários autores os motivos são “processos cognitivos através dos quais a pessoa é capaz de cometer atos horríveis contra outros” (Hymel, Rocke-Henderson & Bonanno, 2005 citado por Caetano, Amado, Martins, Simão, Freire e Pessoa, 2017:6).

Segundo, Caetano, Amado, Martins, Simão, Freire e Pessoa (2017), existem diversos motivos invocados pelos agressores que podem levar a que sucedam atos de *cyberbullying*, tais como:

- motivos hedonistas e egóicos (brincadeira; diversão; fuga ao tédio e estar aborrecido);
- motivos de afiliação (não gostar dele e quebra de amizades);
- motivos morais (vingança; retaliação e falta de respeito);

- motivos conflituais e sentimentos de superioridade (diferenças; divergência de opiniões e sentimentos de superioridade).

### 3.3. PAPEL DA ESCOLA, DOS PAIS E DOS AMIGOS

#### 3.3.1. O papel da escola e do grupo de amigos na mediação do uso das TD

O *cyberbullying*, habitualmente, tem início na utilização da internet nos computadores da sala de informática da escola (Willard, 2007 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013) ou através do uso excessivo de telemóveis ou outros equipamentos pessoais (Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013).

Desta forma, “ a escola tem a responsabilidade de garantir um ambiente seguro, com suporte emocional, baseado no respeito por todos, que incentive a aprendizagem, promova a autoestima e onde os alunos se sintam protegidos de vários tipos de *bullying*.” (Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013: 48).

As autoras Ponte & Batista (2019) referem que a mediação realizada por parte dos professores consiste na segurança e aquisição de competências sociais, comunicacionais e informacionais na internet.

Os jovens / crianças devem ser consciencializadas desde pequenos que não devem partilhar nenhum tipo de informação pessoal com ninguém e muito menos com amigos, devem sempre proteger este tipo de informação.

Caso exista uma agressão vivida ou presenciada, a vítima deverá: “ ignorar / bloquear mensagens, não responder ao agressor; guardar todas as evidências da agressão; falar com um adulto em quem confie.” (Hinduja e Patchin, 2009 citado por Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013: 50).

As crianças, normalmente, recorrem mais aos amigos quando se sentem incomodadas com algum tipo de situação na internet. Os amigos podem ser vistos como mediadores no dia-a-dia (Ponte & Batista, 2019).

#### 3.3.2. O papel da família na mediação do uso das TD

O papel da família deve ser baseado no princípio de uma educação parental que permita o estabelecimento de relações calorosas de apoio ao adolescente e de explicitação de regras de conduta na utilização das TD (Martins, Martins, Simão, Caetano, Freire & Matos, 2009).

Assim sendo, “ é fundamental que os pais invistam numa relação baseada na confiança e no diálogo e que estejam presentes no processo de aprendizagem dos filhos quer no que respeita às relações que estes estabelecem com os outros, quer no seu contacto com



as TIC.” ( Fanti, Demetriou & Hawa, 2012 ; Hinduja & Patchin 2013 citados por Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013 : 50).

O meio familiar é indicado pela maioria das crianças e jovens portugueses como um local onde se sentem seguros e apoiados (Ponte & Batista, 2019).

A mediação da internet por parte das famílias recai mais sobre conselhos de como o adolescente deve utilizar a internet de forma segura e apoio ao jovem quando existe alguma situação que o incomoda ou perturba do que dialogar sobre atividades ou estimular para explorar e aprender. As raparigas são quem têm mais atenção por parte das famílias do que os rapazes e, também, são quem mais procura ajuda familiar para resolver problemas relacionados com a internet (Ponte & Batista, 2019).

Martins, Simão, Caetano, Freire & Matos (2009) realizaram um estudo com 3525 alunos provenientes de 23 escolas do ensino básico e do ensino secundário localizadas em 9 dos 18 distritos de Portugal. Este estudo teve com objetivo clarificar como o ambiente familiar está relacionado com os casos de *cyberbullying*, quer seja no papel de agressor quer no de vítima.

Os autores, no estudo que realizaram, verificaram que a natureza e a realidade do ambiente familiar pode influenciar a probabilidade de que as crianças e/ou adolescentes possam ser vítimas ou agressores de *cyberbullying*. Existem algumas das variáveis familiares que influenciam o fenómeno, nomeadamente o estabelecimento de regras de utilização de TD, a forma com que as regras são implementadas e o apoio familiar percebido pelos jovens (Martins, Simão, Caetano, Freire & Matos, 2009).

O referido estudo, revelou que a falta de apoio familiar é mais preditora da cybervitimização e que a falta de apoio familiar juntamente com a ausência da explicitação regras na utilização das TD são mais preditores da cyberagressão (Martins, Simão, Caetano, Freire & Matos, 2009).

As mediações utilizadas pelos pais em relação às atividades que os filhos praticam na internet. Desta forma, as autoras Ponte & Batista (2019) estudaram a mediação dos pais segundo cinco pontos de vista, nomeadamente:

- mediação ativa dos usos da internet em geral – consiste na presença dos pais aquando os seus filhos utilizam a internet, seja através da proximidade física seja através da partilha das partilhas dos filhos ou conversar com os filhos acerca da utilização da internet;

- mediação ativa dos usos seguros da internet - verifica-se a forma como os pais tentam ensinar os filhos sobre a utilização segura da internet, ajudando-os caso tenham necessidade de apoio ou falar com os filhos alertando-os sobre o que devem fazer quando ocorre algum problema na internet;
- restrição ativa – consiste na colocação de regras explícitas que delimitam as utilizações das crianças e dos jovens, nomeadamente relativas a aplicações particulares, atividades ou a forma como estes facultam informação pessoal;
- monitorização – envolve a confirmação, por parte dos pais, das utilizações que os seus filhos fizeram, ou seja, verificam onde os seus filhos acederam através do histórico das atividades realizadas;
- mediação técnica – os pais recorrem ao *software* de controlo, para filtrar, delimitar ou monitorizar a utilização da internet e problemas relacionados à segurança dos filhos quando utilizam a mesma.

#### 4. MÉTODO

A metodologia que foi utilizada para a realização do estudo desta dissertação foi a metodologia qualitativa. Mais especificamente foram elaborados guiões com vista a realizar entrevistas semiestruturadas a pré-adolescentes, adolescentes e a mães/ pais de adolescentes.

Ribeiro (2008), citado por Júnior & Júnior (2011), refere que a entrevista é vista como: “A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores” (Ribeiro, 2008 citado por Júnior & Júnior, 2011:239).

##### 4.1. PARTICIPANTES

Foram entrevistados 13 pré-adolescentes / adolescentes com idades entre os 13 e os 17 anos, seis adolescentes eram do sexo feminino e sete adolescentes eram do sexo masculino, sendo que cinco dos sete adolescentes do sexo masculino encontram-se em acolhimento institucional, numa residência situada do Alto Alentejo.

Em relação à escolaridade houve 2 entrevistados encontravam-se no 5º ano do ensino básico, 1 entrevistado que respondeu que se encontrava no 6º ano do ensino básico, 1 entrevistado encontrava-se no 7º ano do ensino básico, 3 entrevistados frequentavam o 9º ano do ensino básico e, por fim, 6 entrevistados encontravam-se no 10º ano. Relativamente ao seu percurso académico, houve 3 entrevistados que consideravam que tinham um bom percurso académico, 9 entrevistados que consideravam que tinham um percurso razoável, e, apenas 1 entrevistado considerou que tinha um percurso escolar “péssimo”. Dos 13 entrevistados, 7 indicaram que eram repetentes, 5 dos repetentes encontram-se no centro de acolhimento, e 4 indicaram que nunca tinham repetido nenhum ano, os restantes não responderam.

Foram ainda entrevistados 5 mães e 1 pai de adolescentes entre os 13 e os 16 anos, as idades dos adultos variaram entre os 38 anos e os 46 anos. Eram 5 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Em relação à profissão, os pais entrevistados, encontravam-se todos empregados em diferentes áreas, desde o comércio, a restauração, a condução de pesados e a educação.

#### 4.2. INSTRUMENTO

Junior e Junior (2011) descrevem a entrevista semiestruturada como uma entrevista por tópicos. Desta forma, os autores referem que “o tipo de entrevista por tópicos apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Os tópicos devem ser ordenados e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente, à medida que reporta os tópicos assinalados” (Júnior, A.F.B., & Júnior, N.F., 2011:240).

O guião da entrevista semiestruturada realizada aos adolescentes contou com 15 perguntas, variando com as respostas fornecidas, e foi direcionada a pré-adolescentes/adolescentes.

Foram ainda realizadas algumas entrevistas semiestruturadas a pais/encarregados de educação, a mesma contou com 15 perguntas, variando, também, consoante as respostas fornecidas pelos entrevistados.

Perguntas do guião dos pré-adolescentes / adolescentes	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da entrevistadora e dos objetivos da entrevista</li> </ul>	Legitimação da entrevista
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual é a tua idade?</li> <li>• Qual é o ano escolar que frequentas? Como tem sido o teu percurso académico?</li> <li>• Sexo</li> </ul>	Caracterização sociodemográfica da amostra
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que fazes nos teus tempos livres? Usas tecnologias nos teus tempos livres? Se sim, quais são as que usas?</li> <li>• Em relação as tecnologias quais são as que conheces?</li> <li>• Tens computador, telemóvel ou tablet com acesso à internet? Se sim o que fazes quando acedes à internet?</li> <li>• Quanto tempo, por dia, costuma utilizar as tecnologias?</li> <li>• Quando utilizas a internet os teus familiares deixam-te estar à vontade ou colocam-te regras?</li> <li>• Das vezes que acedes-te/ acedes à internet, alguma vez encontras-te alguma coisa que te chocasse ou que te impressionasse? Se sim, o quê?</li> </ul>	<p>Esclarecimento do modo como ocupa os tempos livres (tipo de atividades) e do tipo de utilização que faz das tecnologias digitais (computador, telemóvel, recursos da internet etc.);</p> <p>Esclarecimento do tipo de acesso que tem às tecnologias digitais (tempo de utilização, o que fazem quando acedem às TD, ausência ou existência de regras, o que eventualmente os têm chocado ou impressionado na internet.).</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabes que a má utilização da internet pode causar graves problemas, como por exemplo o <i>cyberbullying</i>. Sabes o que é <i>cyberbullying</i>?</li> </ul>	Identificação do conhecimento que os entrevistados têm do <i>cyberbullying</i> .
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porquê é que achas que estas situações de <i>cyberbullying</i> acontecem?</li> </ul>	Identificação dos fatores que desencadeiam situações de <i>cyberbullying</i> segundo os entrevistados.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Já te viste envolvido em alguma situação deste género? Eras a vítima o agressor ou apenas observaste a situação? O que fizeste para lidar com esta problemática?</li> <li>• Falaste com algum adulto sobre este assunto?</li> </ul>	<p>Conhecimentos sobre o <i>cyberbullying</i>;</p> <p>Relatos de <i>cyberbullying</i> ou de <i>bullying</i>;</p> <p>Caracterização das ocorrências;</p> <p>Tipo de envolvimento do entrevistado nas ocorrências (vítima, observador ou agressor) e quais foram as tecnologias usados.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabes de algum amigo teu que tenha sofrido de <i>cyberbullying</i>?</li> <li>• Alguma vez praticaste <i>bullying</i> ou <i>cyberbullying</i> com algum colega?</li> <li>• Quais foram as tecnologias utilizadas para este tipo de agressão?</li> </ul>	Identificação das estratégias utilizadas para lidar com o fenómeno nos papéis de vítima ou observador.

Tabela nº2 – Objetivos de cada pergunta do guião dos pré-adolescentes / adolescentes.

Perguntas do guião dos pais	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da entrevistadora e dos objetivos da entrevista</li> </ul>	Legitimação da entrevista
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sexo</li> <li>• Qual é a sua idade?</li> <li>• Quantos filhos tem?</li> <li>• Qual é a sua profissão?</li> </ul>	Caracterização sociodemográfica da amostra
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são os aspetos positivos e negativos que vê na utilização da internet e das tecnologias?</li> <li>• Acha que os jovens/ adolescentes estão dependentes das tecnologias/internet? Porquê?</li> <li>• Como relaciona a dependência das tecnologias com a época da sua infância/ adolescência? Existem diferenças? Quais?</li> <li>• Como encara a forma como as crianças e os adolescentes de hoje em dia estarem tão dependentes das novas tecnologias?</li> <li>• Quando o seu filho acede à internet coloca-lhe regras? Se sim, quais são as regras que estabelece?</li> <li>• Costuma falar com o seu filho sobre os problemas que lhes preocupam? Tenta saber o que é que o seu filho vê e/ou faz na internet? Se sim, o que costuma fazer?</li> <li>• Quando o seu filho (a) acede à internet costuma estar presente ou próximo?</li> </ul>	<p>Opinião sobre a utilização que os jovens fazem das TD (dependência, diferenças geracionais na ocupação de tempos livres);</p> <p>Aclaramento sobre a situação de ausência ou existência de regras colocadas;</p> <p>Tipo de monitorização da utilização das tecnologias digitais;</p> <p>Caracterização do acompanhamento do filho quando acede à internet e da vida quotidiana do mesmo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na altura em que o seu filho começou a utilizar as tecnologias e a internet explicou-lhe quais são os fatores negativos de uma má utilização das mesmas?</li> <li>• Como sabe, a má utilização da internet e das tecnologias pode trazer consequências graves. O <i>cyberbullying</i> é um dos fatores negativos que pode ocorrer quando isso sucede. Sabe no que é que consiste? Se sim, pode explicar.</li> </ul>	<p>Conhecimentos sobre o <i>cyberbullying</i>;</p> <p>Relatos de acontecimentos de <i>cyberbullying</i> com o filho;</p> <p>Explicitação da resolução da ocorrência de <i>cyberbullying</i>;</p> <p>Caracterização das ocorrências;</p> <p>Tipo de envolvimento do filho nas ocorrências (vitima, observador ou agressor).</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabe se algum dos seus filhos sofreu, alguma vez, de <i>cyberbullying</i>? Se sim, como é que se passou?</li> <li>• Na altura de resolver a situação, o que é que fez? Ou a situação ainda se mantém?</li> <li>• Caso a problemática tenha acontecido em meio escolar, acha que teve apoio/participação por parte da escola para resolver a situação?</li> <li>• Como é que encarou a situação de <i>cyberbullying</i> feito contra o seu filho? O que sentiu?</li> <li>• Sabe se o seu filho alguma vez praticou <i>cyberbullying</i> com outro menino?</li> </ul>	Caso tenha havido ocorrências que estratégias foram mobilizadas pelos pais para enfrentar o fenómeno

Tabela nº3 – Objetivos de cada pergunta do guião dos pais.

#### 4.3. PROCEDIMENTO

Para a realização das entrevistas foi necessário, em primeiro lugar, escrever uma carta para obter consentimento informado no sentido de ser concedida a autorização dos pais para entrevistar os seus filhos.

Após os pais terem autorizado a realização das entrevistas aos seus filhos, foi marcado um dia com cada um dos adolescentes, conforme as suas possibilidades e as possibilidades da autora, para as realizar.

Em relação aos adolescentes que se encontram na residência, em primeiro lugar, foi marcada uma reunião com a diretora técnica para que fosse pedida a autorização para entrevistar alguns dos adolescentes, e posteriormente, o pedido foi formalizado por escrito.

Após a realização das entrevistas terem sido autorizadas pela Diretora Técnica, foi marcado um dia, junto da mesma, para a realização das entrevistas, os adolescentes foram pré-selecionados pela mesma.

Em relação aos pais/ encarregados de educação, foram contactados alguns pais com finalidade de se perceber se tinham interesse em responder à entrevista, depois foi marcado um dia de acordo com a sua disponibilidade.

Antes da realização de cada entrevista, a entrevistadora, apresentou-se, quer aos filhos quer aos pais, informou sobre a natureza e os objetivos da entrevista, garantiu, também, a confidencialidade dos dados fornecidos, informava aos entrevistados que a entrevista seria gravada para que facilitasse a transcrição das entrevistas, e no caso das entrevistas dos adolescentes, a autora, solicitou o consentimento escrito aos pais / encarregados de educação dos adolescentes para participar no estudo e o foi obtido oral dos adolescentes para participar.

As entrevistas foram gravadas e transcritas e após a conclusão deste trabalho, a entrevistadora, compromete-se em proceder à destruição de todas gravações.

Todas as entrevistas foram alvo de uma análise de conteúdo que permitiu a identificação de várias categorias. Foram criadas categorias específicas para as entrevistas dos adolescentes e outras para as dos pais.

Esta análise seguiu a proposta de Esteves (2006) e de Bardin citado por Esteves (2006), segundo as quais as categorias deverão ter as seguintes características:

- Exclusão mútua;
- Homogeneidade;
- Exaustividade;

- Pertinência;
- Produtividade;
- Objetividade;

Segundo Esteves (2006) “ a exclusão mútua significa que a grade de categorias está concebida de tal forma que o conteúdo definido para cada uma delas não se sobrepõe (no todo ou em parte) ao conteúdo definido para nenhuma das restantes. A verificação deste princípio é crucial para a consecução de um outro: o da objetividade.” (Esteves, 2006:122).

Bardin (1988) citado por Esteves (2006) refere que a homogeneidade exprime que “ um único princípio de classificação deve governar a organização das categorias. Trata-se, pois, de uma coerência de critérios que torne a categorização legível como um todo” (Bardin, 1988, citado por Esteves, 2006:122).

Esteves (2006) refere que “ a exaustividade significa que a categorização permite acolher todas as unidades de registo pertinentes para o objeto de pesquisa sem exceção, e que todas essas unidades foram efetivamente codificadas.” (Esteves, M., 2006: 122)

Em relação a pertinência, Esteves (2006), indica que é necessário que o sistema de categorias esteja em conformidade com as questões de investigação e que, o mesmo, vá de encontro com o que é relatado no enquadramento teórico do estudo empírico.

Bardin (1988) citado por Esteves (2006) refere que a produtividade exprime que “ um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.” (Bardin, 1988, citado por Esteves, 2006:123).

Por fim, Esteves (2006) menciona que “ a objetividade significa que uma dada unidade de registo só deve pertencer a uma dada categoria, independentemente do analista que faz a sua codificação. Evitar a subjetividade do codificador, passa, entre outras condições, por se lidar nesta operação com o conteúdo manifesto da comunicação e não com opiniões do codificador sobre o que é que o emissor queria dizer.” (Esteves, 2006:123).



## **5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

### **5.1. AS PERSPETIVAS DOS PRÉ-ADOLESCENTES E DOS ADOLESCENTES**

#### **5.1.1 Ocupação dos tempos livres e tipo de utilização das tecnologias digitais**

A tabela nº 4 apresenta as categorias, unidades de registo e frequências relativas às atividades de ocupação de tempos livres referidas pelos adolescentes. O nº total das unidades de registo é superior ao número de adolescentes entrevistados porque cada adolescente podia enumerar e enumerou de facto vários tipos de atividades.

Foram utilizadas as letras x e y para diferenciar as respostas do sexo masculino das repostas do sexo feminino. Desta forma, a letra x representa adolescentes do sexo feminino e a letra y representa adolescentes do sexo masculino.

Categorias	Unidade de Registo	Freq.
Desportos ativos	<p>“Nos meus tempos livres, normalmente, jogo à bola.” – y6</p> <p>“... e jogo à bola com ele.” – y2</p> <p>“... e jogo à bola.” – y3</p> <p>“Nos meus tempos livres costumo jogar à bola...” – y7</p>	<p>4</p> <p>(30,8%)</p>
Passear/c onviver/brincar com os amigos	<p>“ Geralmente converso com as minhas amigas, convivo com pessoas ...” – x2</p> <p>“... e brincar com os meus amigos.” – y5</p> <p>“Na escola quando não tenho aulas, vou ao bar com os meus amigos , vou ao polivalente a jogar matraquilhos.” – y2</p> <p>“ Costumo brincar com os meus amigos...” – y3</p> <p>“ Além disso, costumo ir passear com os meus amigos ...” – x4</p> <p>“... de vez em quando vou passear com os meus amigos.” – x1</p>	<p>6</p> <p>(46,1%)</p>
Usar tecnologias ( youtube, redes sociais, jogar online ou em aplicações) ou offline	<p>“Também costumo aceder à internet através do telemóvel.” – x2</p> <p>“... vou um bocado às redes sociais.” – x6</p> <p>“... e jogo no <i>tablet</i>.” – y1</p> <p>“E costumo usar o telemóvel e o <i>tablet</i>.” – y6</p> <p>“... e uso o telemóvel para ir ao <i>instagram</i>.” – y4</p> <p>“ ... e uso o <i>tablet</i> de um amigo para jogar jogos de futebol e de carros.” – y7</p> <p>“Sim uso tecnologias para ir ao <i>youtube</i> e ao <i>instagram</i>...” – x4</p> <p>“ Normalmente, uso o telemóvel. (...) e, também, acedo ao <i>instagram</i> e ao <i>whatsapp</i>.” – x3</p> <p>“... falo com os meus amigos pelas redes sociais (...) uso o telemóvel para falar com os meus amigos.” – x1</p> <p>“... estar no telemóvel e assim.” – x5</p> <p>“ Nos meus tempos livres jogo na consola...” – y4</p>	<p>11</p> <p>(84,6%)</p>
Ver televisão	<p>“ Costumo ver televisão...” – y5</p> <p>“ Em casa vejo televisão ...” –y2</p>	<p>2</p> <p>(15,4%)</p>
Dormir	<p>“ Costumo dormir...” – x5</p>	<p>1</p> <p>(7,7%)</p>
Passear o animal de estimação	<p>“... costumo ir passear o cão...” – x4</p>	<p>1</p> <p>(7,7%)</p>
Conviver com a família	<p>“... brinco com o meu irmão...” – y2</p> <p>“... e, quando estou em casa, convivo com os meus pais.” – x4</p>	<p>2</p> <p>(15,4%)</p>

Ouvir música e ver filmes	<p>“... oiço música e vejo filmes...” – x2</p> <p>“Normalmente nos meus tempos livres, oiço música ...” – y1</p> <p>“Costumo ouvir música e ver vídeos no <i>youtube</i>...” – x3</p>	<p>3</p> <p>(23,0%)</p>
Estudar	<p>“Estudo, leio...” – x6</p> <p>“ Nos meus tempos livres estudo, principalmente, estudo...” – x1</p>	<p>2</p> <p>(15,4%)</p>
Totais		<p>32</p> <p>(246,1% )</p>

Tabela n.º 4 – Ocupação de tempos livres dos jovens

A análise da tabela 4 permitiu identificar as seguintes atividades de tempos livres, por ordem de frequência: Usar tecnologias digitais (*online* e *offline*); passear, conviver e/ou brincar com os amigos; desportos ativos; Ouvir música, ver filmes, ver televisão; conviver com a família e/ou estudar; Dormir e/ ou passear o animal de estimação.

Pode verificar-se que a atividade mais frequente enunciada pelos pré-adolescentes e adolescentes é a utilização das tecnologias digitais e a menos frequente é dormir ou passear o animal de estimação.

## 5.1.2 – Temas e imagens chocantes e impressionantes na internet

Na tabela nº 5 apresentam-se os testemunhos dos pré-adolescentes e dos adolescentes que referiram ou não estar chocados ou impressionados com imagens da internet.

Categorias	Unidade de registo	Freq.
Sim	<p>“ Fico triste quando vejo imagens de meninos ou animais doentes.” – y6</p> <p>“Sim às vezes aparecem aquelas imagens de cães mortos e, isso, choca-me um bocado.” – y4</p> <p>“ Sim, às vezes sim. Já vi imagens de pessoas feridas devido a acidentes.” – x6</p> <p>“Houve uma vez que vi no <i>facebook</i> uma imagem de um velhinho a ser maltratado.” – x4</p> <p>“ Sim. É assim, vi imagens mais “porcas” / inapropriadas que outras pessoas que eu não conhecia de lado nenhum me tinham enviado.” – x3</p> <p>“Já há bastantes pessoas que põem vídeos de outras pessoas a cortarem-se. Nunca vi vídeos ou imagens pornográficas ou que quisesse insinuar alguma coisa.” – x1</p> <p>“Quando vejo imagens de crianças doentes faz-me aflição.” – y1</p> <p>“Sim quando aparecem aquelas fotografias de crianças com doenças.” – y2</p> <p>“ O meu amigo mostra-me imagens menos apropriadas que deixam arrepiado.” – y7</p>	<p>9</p> <p>(69,2%)</p>
Não	<p>“Não.”</p> <p>“Acho que não tive experiências assim marcantes, porque não pesquisei coisas que me possam levar a imagens chocantes, portanto acho que não há assim nada que me impressione.” – x2</p>	<p>4</p> <p>(30,8%)</p>
Totais		<p>13</p> <p>(100%)</p>

Tabela nº 5 - Temas e imagens na internet que chocam e impressionam os pré-adolescentes e os adolescentes.

A leitura da tabela 5 permite constatar que a maioria dos adolescentes (69,2%) já viu imagens chocantes, nomeadamente: crianças e animais doentes, cães mortos, pessoas a serem maltratadas ou a maltratarem-se a si próprias. Um dado preocupante, visto que estas imagens chegam aos pré-adolescentes e adolescentes sem serem procuradas.

### 5.1.3 – Tempo de utilização das tecnologias digitais

A tabela nº6 expõe o tempo de utilização das tecnologias digitais e em que local são utilizadas por parte dos pré-adolescentes e dos adolescentes entrevistados.

Categorias		Unidade de registo	Freq.
Duração da utilização	Menos de 1 h	<p>“Depende do que tenha para fazer, mas normalmente 10 a 15 minutos.” – x6</p> <p>“Costumo usar durante 5/10 minutos.” – y1</p> <p>“Uso durante pouco tempo, 30 minutos no máximo.” – y6</p> <p>“Costumo usar durante 15 minutos mais ou menos.” – y5</p> <p>“Costumo ir à internet durante 50 minutos na sala de TIC, e normalmente vejo televisão desde quando chego a casa até ao jantar mais ou menos.” – y3</p> <p>“Agora como tenho um amigo no aqui no centro que tem <i>tablet</i> uso muitas vezes. Uso durante o tempo que ele me deixar.” – y7</p>	6 (46,1%)
	Entre 1h e 2 horas e meia	<p>“Normalmente estudo primeiro e depois é que uso durante duas horas e meia o telemóvel.” – x1</p> <p>“Costumo usar o telemóvel durante duas horas, no máximo.” – y2</p>	2 (15,4%)
	Quase o dia todo	<p>“Enquanto estou na escola, uso apenas durante os intervalos. Fora isso, costumo usar o dia todo.” – x3</p> <p>“Normalmente, no <i>youtube</i> acedo duas horas mais ou menos, mas no Messenger é o dia todo.” – x4</p> <p>“Costumo usar muito tempo durante o dia... Praticamente o dia todo.” – x5</p> <p>“Costumo utilizar praticamente o dia todo.” – x2</p> <p>“Quase o dia todo.” – y4</p>	5 (38,5%)
Local de utilização	Totais		13 (100%)
	Escola	<p>“Sim só na escola para fazer os trabalhos.” – y6</p> <p>“Só tenho acesso à internet na escola...” – y5</p> <p>“Só tenho computador com acesso à internet na escola...” – y3</p> <p>“Quando vou à internet na escola...” – y7</p>	4 (30,7%)
	Telemóvel	<p>“Sim, tenho o telemóvel com acesso à internet.” – x1</p> <p>“Normalmente uso o telemóvel...” – x3</p> <p>“... mexer no telemóvel...” – x4</p>	9 (69,3%)

		"... estar no telemóvel..." – x5 "Normalmente uso o telemóvel o <i>tablet</i> e o computador." – x2 "... uso o telemóvel e o computador." – x6 "... uso o telemóvel e o <i>tablet</i> ." – y1 "Tenho telemóvel com acesso à internet." – y2 ; y4	
	Café		0 (0%)
	Totais		13 (100%)

Tabela nº6 – Tempo de utilização das tecnologias digitais por parte dos pré-adolescentes e adolescentes.

Pudemos verificar, segundo as respostas dadas pelos adolescentes, que o tempo de utilização com maior frequência foi menos de uma hora de utilização, de seguida foi que utilizam as TD quase o dia todo e, por último, entre 1 hora e 2 horas e meia.

Pudemos verificar, também, que os adolescentes preferem utilizar os próprios telemóveis em qualquer local do que ter um local próprio. Existem apenas 4 adolescentes que responderam que apenas usam TD na escola.

#### 5.1.4. – Finalidade de utilização das tecnologias digitais

A tabela nº7 mostra com que finalidade os pré-adolescentes e os adolescentes utilizam as TD.

Categorias	Unidade de registo	Freq.
Jogos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “... é para baixar jogos...” – y1</li> <li>• “... e normalmente uso para jogar...” – y5</li> <li>• “... vou passar jogos– y7</li> </ul>	3 (23,0%)
Pesquisa para realizar trabalhos escolares	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “ Geralmente é para procurar informações sobre trabalhos, para ler livros on-line.” – x2</li> <li>• “...e pesquiso informações para trabalhos...” – x4</li> <li>• “...para fazer trabalhos ...” – x6</li> <li>• “...para fazer trabalhos...” – y5</li> <li>• “ Só posso aceder à internet para fazer trabalhos....” – y6</li> </ul>	5 (38,4%)
Comunicar e partilhar com os amigos nas redes sociais e no e-mail	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “ Quando acedo à internet é para aceder à redes sociais, e falar com os meus amigos através do <i>whatsapp</i>.” – x1</li> <li>• “...e, também, acedo ao <i>instagram</i> e ao <i>whatsapp</i>.” – x3</li> <li>• “...e acedo ao Messenger e ao <i>Instagram</i>. “ – x4</li> <li>• “ Falo com amigos e vejo as redes sociais.”- x5</li> <li>• “... normalmente uso para aceder às redes sociais...” – x6</li> <li>• “ Normalmente quando utilizo a internet ... e para ir ao <i>instagram</i>.” –y1</li> <li>• “Quando acedo à internet. Falo com os meus amigos através das redes sociais, vejo as novidades que estão no <i>facebook</i>, partilho fotografias e publicações no <i>facebook</i>.” – y2</li> <li>• “...e jogo quando posso ir à internet.” – y3</li> <li>• “...e acedo às redes sociais.” – y4</li> </ul>	9 (69,2%)
Ouvir música e ver filmes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “... oiço música e vejo filmes. Também costumo aceder à internet através do telemóvel.” – x2</li> <li>• “...pesquisar musicas.” – x2</li> <li>• “... normalmente uso para aceder ao <i>youtube</i>.” – x3</li> <li>• “ Costumo aceder ao <i>youtube</i>...” – x4</li> <li>• “...e para ouvir músicas no <i>youtube</i>.” – x6</li> <li>• “... e normalmente vejo vídeos...” – y3</li> <li>• “Quando acedo à internet vejo vídeos no <i>youtube</i>...” – y4</li> <li>• “...ouvir música ...” – y5</li> <li>• “... ou para ir ao <i>youtube</i> ouvir música.” – y6</li> <li>• “...ouvir músicas.” – y7</li> </ul>	10 (76,9%)
Totais		27 (207,5%)

Tabela nº7 – Finalidade de utilização das tecnologias digitais segundo os pré-adolescentes e adolescentes

Existem variadas finalidades. Os objetivos de utilização enunciados pelos pré-adolescentes foram: conviver e falar com os amigos nas redes sociais, ouvir música, fazer pesquisas e trabalhos escolares, ver filmes, obter jogos e jogar *online*.

Através da tabela pode verificar-se que maior parte dos adolescentes utilizam as tecnologias para aceder às redes sociais e falar com amigos.



#### 5.1.5. – Existência ou inexistência de regras impostas ao adolescente

A tabela nº8 enuncia a existência ou inexistência e o tipo de regras postas aos adolescentes entrevistados, seja os que vivem em meio familiar seja os que vivem em acolhimento institucional.

Categorias	Unidades de registo - Regras dos adolescentes em meio familiar	Freq.	Unidades de registo - Regras dos adolescentes em acolhimento institucional	Freq.
Não existem quaisquer tipo de regras	<p>“ Os meus pais não me colocam regras nenhuma em relação aos sites, eles sabem que não acedo a sites estranhos ou perigosos.” – y2</p> <p>“ Os meus pais dão me bastante liberdade porque confiam bastante em mim, ou seja, confiam que aquilo que eu procuro seja seguro.” – x2</p> <p>“ Deixam-me estar à vontade desde que tenha responsabilidade e que tenha cuidado com o que estou a fazer.” – x6</p> <p>“Deixam-me estar à vontade.” - y4</p>	4 (25%)		0
Existem regras	<p>“Sim. A minha tia diz para eu não falar com estranhos e para não aceder a sites estranhos.” – x1</p> <p>“Mais ou menos. O único que eles não deixam é que eu fique na internet até “às tantas”, porque de resto eles não me dizem nada... eles têm confiança em mim.” – x3</p> <p>“ Normalmente deixam-me estar à vontade, só quando vêm que estou há muito tempo a mexer no telemóvel é que me dizem para parar.” – x4</p> <p>“Ah.. não sou restringida nesse aspeto mas eu tenho consciência que existem certos sites que não devem ser vistos...Sim colocam, mas é só quando é para deitar. Dizem que a tantas horas tenho que estar deitada.” – x5</p>	4 (25%)	<p>“ Só posso ir ao <i>youtube</i> ouvir música e jogar.” – y7</p> <p>“Alguns sites estão bloqueados.” – y1</p> <p>“Não posso aceder a certos sites.” – y3</p> <p>“ Não. Não posso ir ver a casa dos <i>youtubers</i>.” – y5</p> <p>“ Só posso aceder à internet para fazer trabalhos ou para ir ao <i>youtube</i> ouvir musica.”- y6</p>	5 (50%)
Total		8 (50%)		5 (50%)

Tabela nº 8 – Regras na utilização da internet e das novas tecnologias segundo o adolescente

Pudemos verificar na tabela que 50 % dos adolescentes que vivem em meio familiar têm regras colocadas pelos pais. As regras enunciadas pelos adolescentes foram: não falar com estranhos, não ficar na internet até tarde e não usar as tecnologias durante muito tempo.

Por outro lado, todos os adolescentes que vivem em acolhimento institucional têm regras colocadas pela instituição ou pela escola que frequentam. As regras enunciadas pelos adolescentes foram: só podem aceder a alguns *sites* e só podem ouvir música, jogar ou fazer trabalhos escolares.

#### 5.1.6. – Conhecimentos sobre *bullying* e *cyberbullying* do adolescente

A tabela nº 9 pretende mapear o conhecimento que os adolescentes têm do fenómeno do *bullying* e do *cyberbullying*.

Categorias	Unidade de registo	Freq.
Identifica o <i>cyberbullying</i> com atividades de <i>cybercrimes</i> praticadas por adultos	“Um dos problemas que podemos encontrar na internet é quando um adulto se faz passar por uma criança. O <i>cyberbullying</i> serve para nos fazer mal, como por exemplo quando uma pessoa se faz passar por outra.” – y6	1 (7,7%)
Sabe definir e diferenciar entre o <i>cyberbullying</i> e o <i>bullying</i> (referindo o dano, a repetição, a intenção e o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor)	<p>“ Sei.. É <i>bullying</i>, só que em vez de ser praticado cara a cara, é através da internet, através de perfis falsos para atacar pessoas através da internet. Normalmente esses perfis falsos servem para gozar e para insultar.” – x5</p> <p>“ É por exemplo quando uma pessoa coloca uma foto nas redes sociais e vai alguém fazer comentários negativos ou envia mensagens a inferiorizar alguém.” - x6</p> <p>“ Consiste quando uma pessoa se acha superior à outra e aproveita-se dela e goza com ela muitas vezes seguidas.” – x4</p> <p>“Consiste em <i>bullying</i> através da internet.” – x3</p> <p>“ As pessoas quando acedem À internet podem fazer mal aos outros através de publicações.” – y2</p> <p>“O <i>cyberbullying</i> é ser violento com alguém fazer montagens de fotografias, inventar mentiras na internet e criar páginas falsas de pessoas.” – y7</p> <p>“ O <i>cyberbullying</i> é <i>bullying</i> através da internet.” – x2</p>	7 (53,8%)
Não sabe definir o <i>cyberbullying</i>	“ Não sei o que é.”	3 (23,1%)

Tem uma ideia mas tem dificuldade em explicar	<p>“Mais ou menos, é <i>bullying</i> através da internet.” – y4</p> <p>“Sei o que significa <i>cyberbullying</i> mas não consigo explicar no que é que consiste.” – x1</p>	<p>2</p> <p>(15,4%)</p>
Totais		<p>13</p> <p>(100%)</p>

Tabela nº9 – Conhecimento dos pré – adolescentes e dos adolescentes sobre o *bullying* e o *cyberbullying*.

As categorias identificadas basearam-se nas definições dadas pelos autores revistos na parte teórica deste trabalho. Assim, constatou-se que a maior parte dos adolescentes (53,8%) soube definir os fenómenos de forma a aproximarem-se das definições propostas pelos autores revistos na parte teórica deste trabalho.

Apenas 3 adolescentes (23%) não foram capazes de definir os conceitos destes grandes fenómenos.

Os restantes propuseram definições aproximadas do fenómeno.

### 5.1.7. – Os papéis desempenhados pelos adolescentes no *bullying* e/ou no *cyberbullying*

Na tabela nº 10 apresentam-se as categorias identificadas para mapear o tipo de papel/ envolvimento no *cyberbullying* ou no *bullying*.

Categorias	Unidades de registo	Freq.
Não tem qualquer papel	<p>“ Nunca sofri “</p> <p>“ Nunca me vi envolvida em situações de <i>cyberbullying</i>.” – x2</p>	<p>7</p> <p>(53,8%)</p>
Apenas foi vítima de <i>cyberbullying</i> ou <i>bullying</i>	<p>“ Sim... eu. Mas não foi de <i>cyberbullying</i>, foi de <i>bullying</i>...: “ Bem... não me lembro bem como sucedeu porque aconteceu desde o 1º ao 5º ano escolar. Gozavam comigo e queriam-me bater constantemente.” – x4</p> <p>“ Foi muito raro acontecer, era só uma pessoa a enviar fotos e essa pessoa foi logo bloqueada. Em relação ao <i>cyberbullying</i> ou assim, apenas fizeram um perfil falso sobre mim mas não o usaram e eu na altura consegui bloqueá-lo logo através das denúncias no <i>facebook</i> e prontos... talvez já tive aquelas alturas na escola em que podia dizer alguma coisa a brincar, mas nunca com intensão de ofender... penso eu... “ – x3</p> <p>“ Nunca me vi envolvido numa situação de <i>cyberbullying</i>. Mas, houve uma altura que sofri de <i>bullying</i> durante quatro anos e de variadas formas. Uma das formas foi agressão, havia um grupo de miúdos que andavam sempre atrás de mim para me baterem, e outra das situações que ocorreu foi que esse mesmo grupo me deixou despido em frente aos restantes alunos da escola”. – y2</p> <p>“ Já me vi envolvida numa situação de <i>cyberbullying</i> e de <i>bullying</i>. Quando sofri de <i>cyberbullying</i> foi através de uma aplicação que se chamava <i>saraha</i>. (...) Houve uma vez que comecei a receber mensagens a dizer que eu gostava de uma tal pessoa e que essa pessoa pertencia a quem me mandou a mensagem, começou a dizer para eu me encontrar com a mesma no campo da escola e que íamos resolver a suposta situação, mas depois começou a ameaçar-me a dizer que me ia bater. (...) Houve uma vez que fui ao campo da escola com as minhas amigas para descobrir quem era e não apareceu ninguém.</p> <p>Em relação ao <i>bullying</i>, numa das vezes, o que se passou foi que um rapaz de quem eu gostava bateu-me e insultou-me durante algum tempo. (...) Além disso, houve uma altura que inventaram coisas sobre mim e eu cheguei a sentir vergonha de ir para a escola, porque as pessoas me acusavam de coisas que não correspondiam à verdade. Também, como sou baixinha e não muito magra, muitas vezes sou chamada de pequena</p>	<p>3</p> <p>(23,1%)</p>

	e gorda, ou de outros nomes que fazem referência a isso, ditos em tom depreciativo. “ – x1	
Foi observador e agressor	“ Não os meninos são todos meus amigos (...) Estão-lhe sempre a bater [a um amigo]. Muitas vezes a culpa é dele, porque estamos a jogar a bola e ele começa a gozar com toda a gente, mas noutros dias mesmo sem ele fazer nada batem-lhe. (...) Fico a ver, só lhe bato quando ele me diz alguma coisa que não gosto. Sim conto as auxiliares e as doutoras e elas resolvem o assunto. (...) Só bato de vez em quando” - y7	1 (7,7%)
Foi vítima / agressor		0
Foi apenas observador	“Gozavam, piadas sem graça, quando a vítima ia a passar, mas nunca diziam as coisas diretamente, a vítima sabia que era para ela. A vítima sabia que estava a ser “atacada” constantemente mas nunca quis falar com adultos para resolver a situação.” – x5	2 (15,4)
Total		13 (100%)

Tabela nº 10 – Experiência do adolescente no *bullying* ou no *cyberbullying*

As unidades de registos são excertos dos casos de *bullying* ou *cyberbullying* dos adolescentes entrevistados.

As categorias delineadas foram as seguintes:

- Não tem qualquer papel;
- Apenas foi vítima de *cyberbullying* ou de *bullying*;
- Foi observador e agressor;
- Foi vítima/agressor;
- Foi apenas observador

Através da tabela verificamos que 53,8 % dos adolescentes entrevistados nunca se viram envolvidos numa situação de *bullying* ou de *cyberbullying*; 23,1 % já se viu envolvido numa situação de *bullying* ou *cyberbullying* ou em ambos fenómenos; apenas 1 adolescente foi observador e agressor (7,7%) e por último, 15,4 % dos adolescentes foram observadores.

#### 5.1.8 Motivos da prática do fenómeno

A tabela nº 11 apresenta as categorias identificadas para identificar os motivos invocados pelos pré-adolescentes e adolescentes para explicar as ocorrências de *bullying* e/ou *cyberbullying*.

Categorias	Unidade de registo	Freq.
Motivos hedonistas e egóicos, tais como:  Brincadeira/ diversão/ fuga ao tédio/ estar aborrecido		0
Motivos que invocam a má influência e/ou falta de supervisão parental.	“Acho esquisito serem assim. Penso que as crianças têm acesso, cada vez mais, a conteúdos que não são próprios para a idade deles. Também acho que os pais não proibem tanto como proibiam antigamente. Outro dos aspetos que pode provocar estas situações é as más influências que as crianças fazem umas sobre as outras, ou seja, utilizam chantagem, ou fazes ou não me dou mais contigo.” – x5	1 (7,6%)
Motivos de vingança de atos face a face, tais como:  Porque já sofreu de <i>bullying</i> / alguém já praticou <i>cyberbullying</i> com ele/ falta de respeito/ vingança	“ Às vezes pode acontecer por vingança de alguma coisa que tenha acontecido”- y7	1 (7,6%)
Motivos que invocam características de personalidade, sentimentos de superioridade e maldade de que pratica	<p>“ Porque acho que a maldade, nos dias de hoje, está cada vez pior. Eu vejo as crianças pequenas a fazer coisas que eu nunca fiz quando era pequena.” – x5</p> <p>“ Porque as pessoas são parvas e gostam de fazer mal aos outros.” – y1</p> <p>“Porque existem problemas entre os meninos e porque são maus.” – y6</p> <p>“Porque os meninos são maus.” – y5</p> <p>“Porque há pessoas que se acham mais do que as outras.” – y4</p> <p>“Porque as pessoas são más e gostam de ver os outros tristes.” – y3</p> <p>“ Porque há pessoas que se acham superiores aos outros e acham que têm o direito de gozar com outras pessoas porque são mais frágeis ou porque passam dificuldades ou porque têm coisas que os outros não têm.” – x4</p> <p>“ Eu acho que estas situações vêm de uma pessoa com uma certa imaturidade e instabilidade. Eu acho que as pessoas que praticam <i>bullying</i> ou <i>cyberbullying</i>, não digo todas mas quase todas, não estão bem com elas próprias, então arranjam uma forma de deitar os outros a baixo para se sentirem melhor com elas mesmas.”- x3</p>	9 (69,2%)

	“Acho que quem pratica cyberbullying é uma pessoa que para se sentir bem com ela mesma necessita fazer mal aos outros e também necessita mostrar que é superior porque consegue atingir uma determinada pessoa.” – x2	
Motivos relacionados com a inveja das capacidades ou qualidades dos outros	“ Eu acho que, o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> , acontecem devido ao ódio ou a inveja que algumas pessoas sentem em relação a alguém que tem certos bens que o próprio não tem. Por exemplo, querem ter algo e não têm mas há alguém que tem por isso, acham que a melhor maneira de se sentirem superiores é humilhar o outro através de situações de gozo.” – x6	1 (7,6%)
Desconhecido		2 (15,3%)
Total		14 (+100%)

Tabela nº 11 – Motivos da prática do *cyberbullying* ou *bullying* invocados pelos adolescentes

As categorias identificadas partiram da análise das entrevistas conduzidas pela proposta dos autores Caetano, Amado, Martins, Simão, Freire & Pessoa (2017) e pela análise das respostas dos adolescentes do presente estudo.

A tabela 11 permite identificar 5 categorias nos motivos invocados para o *cyberbullying*, pois algumas das categorias presentes no estudo dos autores suprarreferidos não foram referidas pelos adolescentes nesta investigação, nomeadamente os motivos hedonistas pois ninguém referiu a brincadeira nem a resolução de conflitos.

A maioria dos adolescentes invocou características de personalidade, como os sentimentos de superioridade e o desejo de praticar a maldade.

Houve um adolescente que referiu 2 motivos o que leva a que o nº total das respostas não coincidirem com o nº total dos entrevistados.



## 5.2. As perceções dos pais face à utilização das tecnologias digitais por parte dos adolescentes

### 5.2.1. – Aspetos positivos e negativos na utilização das tecnologias digitais

Na tabela nº 12 refere os aspetos positivos e os aspetos negativos que existem, segundo os pais, quando os pré-adolescentes e os adolescentes utilizam a internet.

Foram utilizadas as letras M e P para diferenciar as respostas dadas pelas mães das repostas dadas pelo pai. Desta forma, a letra M representa as mães e a letra P representa o pai.

Categoria	Unidade de registo	Freq.
Aspetos positivos	<p>“O aspeto positivo que vejo na utilização das tecnologias e da internet é que facilita a comunicação entre as pessoas. Antes, para nos comunicarmos com pessoas que vivem noutra parte do país teria que ser por carta ou por telegrama, agora com um simples e-mail conseguimos tratar do que queremos tratar.” – M1</p> <p>“ Bem... Eu acho que as tecnologias são boas por um lado mas tem aspetos negativos por outro. Na utilização da internet, os aspetos positivos que, na minha opinião, existem são a possibilidade de pesquisar matérias escolares, existe mais acesso Às informações, ajuda no estudo.” – M2</p> <p>“ É assim os aspetos positivos é que a internet é uma fonte de comunicação, por isso é bom, e podem criar amizades, partilhar fotografias e pronto até para encontrar emprego é muito mais fácil.” – M3</p> <p>“ A nível escolar, os aspetos positivos da utilização da internet é que é um bom motor de pesquisa para realizar trabalhos.” – M4</p> <p>“ Em relação aos positivos acho que há muita coisa positiva. Dá para investigar muita coisa. Um dos pontos positivos é a facilidade que existe para as pessoas que se encontram em varias partes do mundo se contactarem. Antes as pessoas mandavam cartas e só recebiam ao fim de um mês e depois ao fim do outro mês é que eram devolvidas, e agora não. Nós temos familiares no estrangeiro em que todos os dias se falam. Por exemplo, eu tenho uma prima em Macau e a mãe dela todos os dias fala com ela. O restante desde que não seja em excessivo acho que é bom.” – M5</p> <p>“ Os positivos no meu trabalho, por exemplo, serve de muito. Serve para encontrar clientes... Mas de resto penso que é uma coisa boa.” – P1</p>	<p>6 (100%)</p>

Aspetos negativos	<p>“Por outro lado, o uso da internet aumenta a probabilidade de alguém ser burlado ou gozado através da mesma.” – M1</p> <p>“E como aspetos negativos são as variedades de jogos que existem e o vício no jogo.” – M2</p> <p>“Os aspetos negativos que vejo na utilização da internet é a exposição excessiva da vida privada das pessoas, porque muitos jovens expõem-se muito e não sabem o que é que está do outro lado do ecrã. Às vezes há fotos mais sensuais, provocantes ou pornográficas, por exemplo uma fotografia em biquíni na piscina e ao não saberem quem está por trás dos ecrãs estão sujeitas a ser vítimas de violações o pedofilia, na minha opinião convém que haja um controlo destas situações por parte dos pais.” – M3</p> <p>“Como aspeto negativo, por exemplo, na vertente social é que já se tem que ter cuidado na seleção dos amigos nas redes sociais, nas pessoas que se adiciona e nós pais temos que ter sempre cuidado com aquilo que os nossos filhos andam a fazer, temos que perceber quem são os amigos, quem se adiciona e tentar perceber o que está por trás dessas pessoas que adicionamos, porque às vezes há segundas intenções e isso para mim é o mais preocupante.” – M4</p> <p>“Em relação aos aspetos negativos são aquelas coisas que não podemos impedir mas que estão lá. Como por exemplo, a pornografia, a oferta de drogas.” – M5</p> <p>“Mas existe muitas pessoas que não sabem utilizar a internet, principalmente a malta mais nova, esse é o ponto negativo que vejo na internet.” – P1</p>	6 (100%)
Total		6+6 (100% +100%)

Tabela nº 12 – Aspetos positivos e negativos quando os adolescentes utilizam as TD no ponto de vista dos pais

Os aspetos positivos que os pais referiram foram a facilidade de comunicação, pesquisa de informações para trabalhos escolares, e não só, útil e serve como um meio de localização.

Os aspetos negativos que os pais identificaram foram mais variados que os positivos, como por exemplo: exposição da vida privada nas redes sociais, exposição dos adolescentes a *sítes* nocivos, dependência nos jogos online, comunicar com desconhecidos sem saber se realmente é quem se pensa que é, má utilização, etc.. O valor total não coincide com o número de entrevistados, devido a que o guião de entrevista tinha dois tópicos na mesma pergunta.

O valor total não coincide com o número de entrevistados, devido a que o guião de entrevista tinha dois tópicos na mesma pergunta.

## 5.2.2. – Dependências dos adolescentes na visão dos pais

A tabela nº 13 representa a opinião dos pais sobre se as TD, a internet e os jogos *online* provocam dependência nos adolescentes.

Categoria	Unidade de registo	Freq.
Existe dependências	<p>“Sim, porque levam muito tempo agarrados aos computadores, aos telemóveis, à <i>playstation</i>, sem se lembrar que existe um mundo cá fora, apenas vêm aquele “quadrado”. Há alguns jovens que levam os jogos muito a sério, podendo transformá-los na vida real, ou seja, muitas vezes o que fazem nos jogos, querem fazer na vida real, como por exemplo: usar armas, matar pessoas, assaltar bancos, entre outros.” – M1</p> <p>“ Sim, eu vejo pelo meu filho, ele dorme com o telemóvel, deita-se a ver vídeos e acorda a ver vídeos.” – M2</p> <p>“ Penso que estão um bocadinho, porque eles participam em jogos que são uma competição e têm que chegar a um certo nível, acho que quando estão a jogar no computador com outros miúdos acabam por se esquecerem um pouco do mundo que existe fora da internet, e no fundo isso acaba por prejudica-los.” – M3</p> <p>“ Acho que estão muito dependentes, porque eu vejo pelo meu filho, por exemplo, ele prefere levar o dia inteiro em casa na internet a falar com este, a falar com o outro, a pesquisar coisas a ver anedotas, do que sair e ir passear. Ele está completamente dependente. Depois por outro lado estão os jogos que, também, viciam, e eles esquecem-se que há um mundo fora daquele “quadrado”. Os jovens de hoje têm que ter consciência que não podem levar o dia fechados em casa agarrados ao computador, têm que aprender a conviver com outras pessoas. “ – M4</p> <p>“ Muito, porque eles estão viciados. Estão constantemente a mexer nos telemóveis, não sabem abrir um livro para responder a uma pergunta dos trabalhos de casa, por exemplo, vão logo ao telemóvel à internet, quando eu achava que era mais interessante que procurassem nos livros uma resposta.” – M5</p> <p>“ Totalmente, porque os miúdos levam o tempo todo a manusear tecnologias, seja telemóveis, computadores ou <i>tablets</i>. Pode-se dizer que as crianças já nascem com um <i>tablet</i> nas mãos.” – P1</p>	6 (100%)
Não existe dependências		0 (0%)
Total		6 (100%)

Tabela nº 13 – Dependências da internet, das novas tecnologias e dos jogos *online* segundo os pais.

Os mesmos responderam, todos, que acham que existe dependência, nomeadamente os jogos. Referem também que os filhos levam muito tempo a manusear o telemóvel ou levam muito tempo em frente do computador, tempo este que retiram de outras atividades de convívio face a face com amigos ou com os familiares.

## 5.2.3. – Comparação entre os hábitos dos jovens atuais com os dos jovens de antigamente

A tabela nº 14 refere as diferenças que os pais apontaram entre a juventude deles e a juventude dos filhos.

Categoria	Unidade de registo	Freq.
Existe diferenças	<p>“ Antes não existia tanta variedade de tecnologias, nem podíamos aceder a tanta informação como agora. Agora, os nossos jovens e nem só, conhecem pessoas de localidades diferentes através da internet, fazem compras através da internet, entre muitas outras coisas. Na minha adolescência, só tinha telemóvel quem tinha mais possibilidades financeiras. Por exemplo, quando era mais nova, se queria ver televisão era só num determinado período de tempo porque depois a televisão desligava-se devido a ser a bateria como os carros. E, também, como habitava no campo e tinha que ajudar os meus pais quase não tinha tempo para ver televisão nem para brincar.” – M1</p> <p>“Na minha altura não havia internet. Nessa altura conversávamos mais, socializávamos mais, interagíamos mais uns com os outros, víamos mais os defeitos e qualidades uns dos outros. Agora, hoje em dia, não , eles estão ligados à internet, estão completamente concentrados naquilo e não interagem uns com os outros. Não jogam à bola, por exemplo. O meu filho ao fim-de-semana vai andar de bicicleta e jogar à bola mas assim que vem para esta cidade não faz nada disso.” – M2</p> <p>“Existe muito mais dependência agora do que na minha altura, pois na minha altura era diferente, nos brincávamos mais na rua, não digo que não víssemos televisão, porque víamos e muitos, mas o que víamos na televisão era desenhos animados em espanhol e de uma forma ou outra acabávamos por aprender a falar espanhol só de ouvir o que diziam na televisão. Havia outras vezes que, sem querer, estávamos a ver as notícias, coisa que não acontece nos dias de hoje os jovens não fazem. Os jovens nos dias que correm apenas veem vídeos na internet, e fazem pesquisas que não são instrutivas.” –M3</p> <p>“ Na minha altura não havia nada dessas coisas , não havia internet, não havia computador, não havia telemóveis, o único que tínhamos era um telefone de disco e às vezes tinha um cadeado para não ligar-mos para ninguém e era só o que havia.” – M4</p> <p>“ Eu quando fui para a primeira classe havia uma pessoa lá no café que tinha um telefone e elas pediam-me para eu ir lá a dizer os números para fazer uma ligação. Eu já era adulta quando tive um telefone em casa.” – M5</p> <p>“ Na minha altura não havia nenhuma tecnologia ou seja não havia dependências tecnológicas. Na minha infância só existia a televisão e o rádio. Quando eu era criança levava o tempo na rua a brincar e qualquer coisa servia para brincar, agora já não é assim, é raro ver crianças na rua a brincar.” – P1</p>	6 (100%)
Não existe diferenças		0
Total		6 (100%)

Tabela nº 14 – Diferenças entre os tempos atuais e os tempos antigos no ponto de vista dos pais.

Todos os pais referiram que notam variadas diferenças entre a sua adolescência e a adolescência dos filhos. Uma das principais diferenças é a utilização das TD, os pais referiram que na sua adolescência não tinham telemóveis nem acesso à internet, aludiram que brincavam mais na rua com outros adolescentes e tinham mais convívio face a face do que os filhos. Os progenitores mencionaram que só tiveram telemóvel quando alcançaram a idade adulta.

#### 5.2.4. – Regras estabelecidas pelos pais aos adolescentes

A tabela nº15 expõe a existência ou inexistência e o tipo de regras que os pais aplicam aos seus filhos quando acedem à internet ou quando manuseiam as tecnologias digitais.

Categoria	Unidade de registo	Freq.
Existem regras rígidas e proibições explícitas	“ Sim, completamente. Para já não o deixo falar com ninguém via <i>webcam</i> , depois eu estou sempre ao lado dele a controlar tudo, para ver as respostas que ele dá, para ver com quem é que ele está a falar, para ver quais são os assuntos que ele está a falar... estou sempre ali mais ou menos perto dele, caso haja alguma situação estranha eu sei logo. Quando existe uma mensagem do género “ vamos marcar um café” ou “ vamos encontrar-nos” eu fico sempre de olho e não o deixo sair para lado nenhum sem que ele me diga para onde vai e com quem vai.” – M2	1 (16,7%)
Existem regras flexíveis em forma de conversas e conselhos	“Sim, às vezes chateio-me com a minha sobrinha porque às vezes já é demais o tempo que passa agarrada à internet, mas não a impeço de aceder a certos <i>sites</i> mas quando vejo que ela está a abusar eu digo-lhe para deixar o que está a fazer e não está sempre agarrada à internet porque eu não deixo.” – M3 “ Estou sempre a avisá-lo, atenção a quem adicionas como amigo, ao que é que publicas, o que lês e o que é que fazes na internet, é só o que lhe digo.” – M4 “Sim. Houve uma vez que ele teve um jogo e era só de pistolas, tiros etc. e eu achei que ele não devia jogar naquilo, falei várias vezes com ele e disse-lhe “desculpa mas tu não podes jogar a esse jogo, não tens idade para isso” ele aceitou e nunca mais jogou. Agora estou sempre a falar com ele por causa do <i>youtube</i> etc. porque ele gosta muito de estar a ver vídeos no <i>youtube</i> . Ele já me explicou que ele tem vários vídeos do <i>youtube</i> que ele está sempre a ver. Ele vê muito vídeos sobre bicicletas, humoristas e coisas desse género, não vê coisas más. E além disso a conta que temos no <i>youtube</i> é minha e consigo ver tudo o que ele vê. O meu filho sempre compreendeu quando eu lhe dizia que algo não era bom para ele.” – M5 “ Eu sou separado, portanto a minha filha só está comigo de vez em quando, mas quando vem para a minha casa eu costumo impor-lhe regras. Em primeiro lugar, pouco ou nada utiliza a internet quando está comigo e se utilizar é para jogar ou para ouvir música.” – P1	4 (66,6%)
Não existem regras	“ Nunca coloquei regras aos meus filhos, porque penso que eles sabem-se controlar.” – M1	1 (16,7%)
Total		6 (100%)

Tabela nº 15 – Existência ou inexistência de regras estabelecidas por parte dos pais aos filhos quando utilizam a internet e as tecnologias digitais.

Através da tabela pudemos verificar que 1 mãe e 1 pai colocam regras muito rígidas enquanto uma mãe não coloca regra nenhuma. Os restantes pais referiram que colocam regras mas que não são muito rígidas, são regras em forma de conversa ou aconselham os filhos do que fazer ou não fazer na internet e nas tecnologias.

#### 5.2.5. – Conhecimentos sobre *bullying* e *cyberbullying* dos pais

A tabela nº 16 pretende expor o conhecimento que os pais têm do fenómeno do *bullying* e do *cyberbullying*.

Categorias	Unidade de registo	Freq.
Identifica o <i>cyberbullying</i> com atividades de <i>cybercrimes</i> praticadas por adultos	<p>” Penso que seja algo que os leva a fazer as maiores loucuras que existem, como por exemplo, cortarem-se, pode levar até à morte de alguns adolescentes. Tivemos o caso da baleia azul e do outro grupo que agora anda aí, não me recordo do nome, mas sei que houve muitos adolescentes que se mataram por culpa desses “jogos”. Nestes ditos “jogos” fazem uma chantagem psicológica enorme e é o que leva a que os adolescentes a fazer tudo, desde cortarem-se e a maltratarem-se. É uma espécie de jogo que tem umas regras que os adolescentes têm cumprir e não podem sair do mesmo, pois quem gere o jogo sabe onde os adolescentes moram, quem são os familiares etc., e ameaçam-nos através de tudo, obrigando-os, assim, a fazer tudo o que eles querem.” – M2</p> <p>” Acho que sim. Será que são pessoas más que tentam ridicularizar as outras com coisas que são falsas. Por exemplo, quando uma jovem fala com um estranho que acaba por ser pedófilo, acaba, muitas vezes, por enviar fotografias mais sensuais para impressionar o mesmo, apesar de que a jovem pensa que não tem maldade nenhuma, a outra pessoa que está por trás do ecrã já vê esse ato com maldade e começa a provocar, penso que também é um ato de <i>cyberbullying</i> por parte do abusador.” – M3</p>	2 (33,3%)
Sabe definir e diferenciar entre o <i>cyberbullying</i> e o <i>bullying</i>		0
Não sabe definir o <i>cyberbullying</i>	<p>“ Não sei no que consiste.” – M1</p> <p>“ Acho que tenho uma pequena ideia, mas dizer exatamente o que é não sei se consigo.” – M5</p>	2 (33,3%)
Tem uma ideia mas tem dificuldade em explicar	<p>“ Não estou muito por dentro dessa problemática. Será que é uma pessoa que ofende a outra através das tecnologias? Não é um assunto que eu domine muito...” – M4</p> <p>“ Penso que será deitar a baixo uma pessoa nas redes sociais, falar de alguém coisas que são ou não são verdadeiras .”</p>	2 (33,3%)
Total		6 (100%)

Tabela nº 16 – Conhecimento dos pais sobre o *bullying* e o *cyberbullying*.

As categorias identificadas basearam-se nas definições dadas pelos autores revistos na parte teórica deste trabalho. Assim, constatou-se que apenas 2 pais souberam definir os fenómenos de forma a aproximarem-se das definições propostas pelos autores revistos na parte teórica deste trabalho.

Apenas 2 pais não foram capazes de definir os conceitos destes grandes fenómenos.

O restante propôs uma definição aproximada do fenómeno.

A pouca informação existente sobre o *cyberbullying* e o *bullying* provoca que haja poucos pais que entendam sobre este tema, esta tabela mostra que é necessário que haja mais estudos sobre estes dois fenómenos para que desta forma os pais possam tentar proteger os filhos de serem vítimas de *bullying* ou *cyberbullying*.

5.2.6. – Os papéis desempenhados pelos adolescentes no *bullying* e/ou no *cyberbullying* no ponto de vista dos pais

Na tabela nº 17 apresentam-se as categorias identificadas para mapear o tipo de papel/ envolvimento no *cyberbullying* ou no *bullying* dos filhos dos entrevistados.

Categorias	Unidades de registo	Freq.
O filho/ educando não tem qualquer papel		0
O filho / educando foi vítima de <i>cyberbullying</i> ou <i>bullying</i>	<p>“ O meu filho mais velho sofreu de assédio por parte de um homem mais velho. Houve duas ou três vezes que recebeu mensagens provocantes/ pornográficas por parte de um homem que vive na mesma localidade que nós.” – M1</p> <p>“ O meu filho sofreu <i>bullying</i>, no quinto ano, ele chegava a casa todos os dias cheio de nódos negros de levar sovas na escola. Ele não me contou, foi uma altura muito complicada da vida dele, e acho que ele ficou um pouco “vacinado” em relação a esse tipo de situações, ele hoje em dia não se deixa pisar por ninguém. À primeira que lhe façam ele responde logo à letra, não deixam que o manipulem.” – M2</p> <p>“ Nem um nem outro sofreu de <i>cyberbullying</i>, mas tanto um como o outro sofreu de <i>bullying</i> na escola. Em relação à minha sobrinha o que se passou foi que havia meninos que passavam por ela, na escola, e batiam-lhe. Foi numa altura muito má para a minha sobrinha, pois foi quando ela foi separada da mãe e veio morar comigo, ela já não andava bem e com a situação de <i>bullying</i> pior.</p> <p>“Em relação ao meu filho o que se passou foi que ele levou sovas desde o ensino primário até ao segundo ciclo. Os colegas batiam-lhe, chamavam-lhe “picorelhas” e punham lhe alcunhas utilizando o nome dele mas no feminino. O meu filho andava sempre a ser excluído pelos outros meninos, na escola andava sempre sozinho e dizia que era porque não queria brincar, o que eu achava estranho porque ele brincava com outros meninos fora da escola. Até que me contou que não brincava com os meninos da escola porque eles o deixavam de lado.” –M3</p> <p>“ O meu filho mais velho sofreu de <i>bullying</i> na escola, durante uns bons anos. Nessa altura aconteceu muita coisa, desde o humilharem, a baterem-lhe, a obrigarem-no a despir no meio da escola, a chamarem-lhe nomes. “ – M4</p>	4 (66,6%)



O filho / educando foi agressor		0
O filho / educando foi vítima / agressor verbal	<p>“ Eu acho que não, nós sempre falamos sobre tudo cá em casa. O meu filho é que teve um pequeno problema com um colega lá na escola, mas penso que não tenha sido nada de <i>bullying</i>. Ele tinha um colega que chamava nomes aos outros colegas e o meu filho respondia-lhe. Eu sempre disse aos meus filhos “ tu não bates em ninguém mas se te baterem tu dás o troco. Não sei se estou a educar bem ou se estou a educar mal. Eu eduquei assim os meus filhos. E então esse colega chamava-lhe nomes, e o miúdo chegava a casa e contava-me o que é que o outro tinha dito e o que é que ele tinha dito. Houve um dia em que eles tiveram uma discussão e o outro menino disse para o meu filho “ o teu pai come lixo”, o meu filho ficou ofendido porque o meu marido trabalha na reciclagem e o meu disse-lhe “ a tua mãe é uma puta.” Eu pensei que isso fosse coisa de miúdos mas o outro menino foi contar à mãe o que o meu filho tinha dito e a mãe foi fazer queixas à escola e a diretora de turma chamou-me à escola e eu disse “ então e ele contou tudo o que ele disse ao meu filho? ”quando ela me disse que isso ele não tinha dito e eu respondi “ mas eu sei de tudo, se não disser nada ao meu filho o meu filho também não diz nada. A conversa ficou por aqui.” – M5</p>	1 (16,7%)
O filho / educando foi observador		0
O filho/ educando foi observador/ agressor	<p>“Não tenho a certeza, mas uma vez apanhei uma conversa dela com outra amiga a deitar outra miúda a baixo num grupo de <i>whatsapp</i>... Que eu tenha conhecimento foi só uma vez, mas nada me garante que não o tenha feito mais vezes.” – P1</p>	1 (16,7%)
Total		6 (100%)

Tabela nº 17 – Experiência de *bullying* e/ ou *cyberbullying* dos filhos dos entrevistados

As unidades de registos são excertos dos casos de *bullying* ou *cyberbullying* dos pais entrevistados.

As categorias delineadas foram as seguintes:

- O filho / educando não tem qualquer papel;
- O filho / educando apenas foi vítima de *cyberbullying* ou de *bullying*;
- O filho / educando foi observador e agressor;
- O filho / educando foi vítima/agressor verbal;
- O filho / educando foi apenas observador.

Através da tabela verificamos que nenhum dos entrevistados referiu que o seu filho/ educando nunca se viu envolvido numa situação de *bullying* ou de *cyberbullying*; 66,6% dos pais referiram que o seu filho/ educando já se viu envolvido numa situação de *bullying* ou *cyberbullying* ou em ambos fenómenos; apenas 16,7% referiu que o seu filho / educando foi vítima / agressor verbal e, por fim, 16,7% referiu que o seu filho/ educando foi observador/ agressor.

## 6. CONCLUSÕES DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivos primordiais conhecer qual a frequência e tipo de utilização que os adolescentes fazem das TD; identificar os riscos/perigos associados ao uso das TD nos adolescentes; identificar / compreender ocorrências de *cyberbullying* entre adolescentes, nos papéis de vítima, agressor e observador; identificar os motivos invocados pelos adolescentes para as ocorrências de *cyberbullying* e o modo como lidaram com as mesmas nos diferentes papéis e identificar as opiniões e perspetivas das famílias sobre a utilização das TD por parte dos adolescentes (imposição ou não de regras de utilização das TD; conhecimentos sobre os riscos de utilização da internet e em particular sobre o *cyberbullying* e a experiência dos seus filhos nesta matéria).

A amostra foi constituída por 13 pré-adolescentes e adolescentes, sendo que seis dos sete adolescentes do sexo masculino encontravam-se em acolhimento institucional. Além dos 13 adolescentes, a autora pode contar com a participação de 5 mães e 1 pai.

No que respeita ao modo como ocupavam os tempos livres as três atividades mais mencionadas pelos adolescentes foram usar tecnologias (*youtube*, redes sociais, jogar *online* ou em aplicações) ou *offline*, conversar/ conviver com os amigos e praticar desportos ativos, sendo que a atividade mais mencionada foi a utilização das TD. Mais uma vez, podemos observar que os adolescentes preferem ocupar os seus tempos com as TD do que com qualquer outro tipo de atividade. Ao contrário do que se verificou no estudo realizado por Ponte & Batista (2019), os inquiridos têm mais apetência para conviver e conversar com os amigos do que para utilizar as TD, embora nesse estudo também as utilizem com frequência e sejam praticamente todos utilizadores das TD.

As atividades mais praticadas pelos jovens que residem no centro de acolhimento é praticar desportos ativos e conversar /conviver com os amigos, visto que muitos deles não possuem qualquer tipo de TD. Apenas dois adolescentes mencionaram que acediam ao *tablet* ou ao telemóvel, os restantes aludiram que acediam na escola quando lhes era permitido. Neste ponto, podemos verificar que o quotidiano dos jovens que se encontram em acolhimento institucional e dos jovens que residem com as famílias é completamente diferente, pois os primeiros são mais inibidos de realizar algumas atividades, como por exemplo aceder às TD quando lhes apetece, do que os segundos.

Quanto aos riscos que podem ocorrer no acesso à internet, podemos verificar que a maioria (69,2%) dos inquiridos já esteve exposta a situações que os incomodaram na internet, tendo por exemplo observado imagens de cariz sexual e/ou conteúdos nocivos tais como vídeos/imagens de pessoas e/ou animais a serem maltratados, imagens chocantes de crianças doentes, entre outros. Fazendo uma comparação com outros estudos realizados em

Portugal, verificamos que no estudo de Ponte & Batista (2019) 23% da amostra admite que estiveram expostos a riscos na internet; no estudo de Simões, Ponte, Ferreira, Doretto & Azevedo (2014) constatou-se que uma percentagem de 10% dos inquiridos que reconheceram que já tinham corrido riscos na internet e, por último, Ponte; Jorge; Simões & Cardoso (2012) no seu estudo *Em risco na internet?* reportaram que apenas 7% dos inquiridos declararam que ficaram incomodados com um ou mais tipos de risco. Estes dados parecem indicar um crescendo na exposição a conteúdos nocivos e riscos na internet com o tempo que acompanha uma maior utilização das TD na atualidade comparativamente a alguns anos atrás (Ponte & Batista, 2019).

Ao comparar a frequência de utilização das TD e a exposição a conteúdos nocivos dos adolescentes da amostra do presente estudo que residem com as suas famílias com os que residem numa instituição de acolhimento verifica-se que os adolescentes que se encontram na instituição têm menos possibilidade de estar expostos a conteúdos nocivos / riscos devido à inexistência de internet e a insuficiência de TD na instituição de acolhimento. Como já foi referido, os inquiridos que se encontram na instituição, existem apenas 2 adolescentes que têm telemóvel e *tablet*, os restantes referiram que apenas utilizavam as TD na escola ou quando um dos 2 colegas lhes emprestava o *tablet*.

Em relação ao tempo de utilização das tecnologias digitais a maioria dos adolescentes referiram que utilizavam a internet durante o dia todo ou quase todo o dia. Os jovens que se encontram em acolhimento aludiram que o tempo que acedem à internet não ultrapassa 1 hora devido a que no centro de acolhimento a mesma é inexistente. Comparando com o estudo de Ponte & Batista (2019), no qual a média de horas de utilização da internet por parte dos jovens portugueses era de 3 horas por dia, podemos afirmar que um terço dos adolescentes da presente amostra utiliza as TD com muita frequência comparativamente a outros estudos.

A evolução das TD ajudou aos adolescentes terem possibilidade de estar sempre em contato com a internet seja através do telemóvel seja através de outro dispositivo móvel. Neste estudo os adolescentes referiram que preferiam utilizar o telemóvel do que o computador, devido a que podem utilizar o mesmo em qualquer local e a qualquer hora.

No que diz respeito ao tipo de utilização dada às TD verificou-se que 69,2 % dos inquiridos referiram que as utilizavam para comunicar e partilhar com os amigos nas redes sociais e no *e-mail*, 38,4% aludiram que acediam as TD para realizar pesquisas de trabalhos escolares e por último, apenas 23% dos adolescentes relataram que serviam-se das tecnologias para jogar. No estudo de Ponte, Jorge, Simões & Cardoso (2012) as atividades mais mencionadas foram utilização de serviços de mensagens instantâneas, visualização de

videoclips, jogar *online* e fazer trabalhos de casa. Como podemos verificar, as atividades realizadas pela amostra do presente estudo e pela amostra do estudo dos autores referidos são muito parecidas, o que nos faz chegar à conclusão que os adolescentes quando recorrem as TD é para realizar o mesmo tipo de atividades.

Segundo as entrevistas realizadas aos dois grupos de jovens, podemos verificar que os jovens que se encontram na instituição de acolhimento quando têm possibilidade de utilizar a internet é para jogar, ouvir música, baixar jogos, ver filmes e/ou para realizar pesquisas de trabalhos, pois muitos deles mencionaram que não tinham redes sociais. Em contrapartida, a maior parte dos jovens que residem com a família indicaram que utilizam mais a internet para aceder às redes sociais.

O apoio da família e a necessidade de os pais colocarem regras aos filhos na utilização da internet, por vezes, é importante para ajudar a prevenir a ocorrência de riscos na Internet. Neste caso, verificamos que as regras impostas pelas famílias e pela instituição/ escola são diferentes, os jovens que vivem com as famílias referem que as regras que têm a ver com o diálogo com estranhos e com as horas de utilização enquanto que os jovens que se encontram em acolhimento mencionam que têm certos sites que estão com o acesso bloqueado, não podem ver alguns tipos de vídeos ou só podem utilizar as TD para fazer os trabalhos de casa. Todos os jovens que se encontram em acolhimento referiram que só têm acesso à internet na escola, durante as aulas de TIC, na biblioteca ou quando vão ao gabinete da psicóloga devido a que, como já foi mencionado, na instituição não existe ligação à internet, desta forma os jovens aproveitam para aceder à mesma enquanto se encontram na escola, em contrapartida os adolescentes que vivem com as famílias podem aceder à internet conforme as regras impostas pelos familiares.

No que se refere à parte do presente estudo que incidiu sobre as perspetivas das famílias, e de modo similar aos adolescentes, alguns dos familiares entrevistados também referiram que existiam regras, 1 mãe e 1 pai colocam regras muito rígidas na utilização das TD, enquanto uma mãe não colocava regra nenhuma. Os restantes pais referiram que impõem regras mas que não são muito rígidas, são regras em forma de conversa ou aconselham os filhos do que fazer ou não fazer na internet e nas tecnologias.

O conhecimento sobre *cyberbullying* é extremamente necessário para os dias que correm. A percentagem dos adolescentes que não sabe no que consiste o fenómeno de *cyberbullying* é muito elevada para a atualidade, mostra-nos que existe uma falta de conhecimento sobre o tema devido a que não existe muita informação sobre o mesmo. Similar ao estudo de Cruz (2011) deparamo-nos com que o fenómeno de *cyberbullying* todavia é uma incógnita para muitos jovens portugueses.

Em relação aos familiares que participaram no estudo constatou-se que apenas 2 pais souberam definir os fenómenos de forma a aproximarem-se das definições propostas pelos autores revistos na parte teórica deste trabalho. Apenas 2 pais não foram capazes de definir os conceitos destes grandes fenómenos. A pouca informação existente sobre o *cyberbullying* e o *bullying* provoca que haja poucos pais que entendam sobre este tema, é necessário que haja mais estudos sobre estes dois fenómenos para que desta forma os pais possam tentar proteger os filhos de serem vítimas de *bullying* ou *cyberbullying*.

A maioria (53.8%) dos adolescentes não sofreu de *cyberbullying* nem de *bullying*, mas cerca de um quarto (23,1%) foi apenas vítima de *cyberbullying* ou de *bullying*, 7,7% consideraram que eram observadores e agressores e por último 15,4% relataram que foram apenas observadores. Em contrapartida, no estudo de Matos, Vieira, Amado, Pessoa, & Martins (2016) que existe uma percentagem de 7,6% dos alunos foram vítimas e 3,9% foram agressores.

A maioria dos familiares entrevistados referiu que o seu filho/ educando já se tinha visto envolvido numa situação de *bullying* ou *cyberbullying* ou em ambos fenómenos; apenas 16,7% referiu que o seu filho / educando foi vítima / agressor verbal e, por fim, 16,7% referiu que o seu filho/ educando foi observador/ agressor.

A percentagem dos adolescentes que admitiram ter sofrido de um desses fenómenos é menor do que a dos pais que referiram que os filhos / educandos sofreram de *bullying* e/ou *cyberbullying*. Isto deve-se ao facto de que os adolescentes muitas vezes preferem omitir os abusos sofridos, devido maioritariamente à vergonha que sentem por sofrerem os mesmos, tal como o medo da retaliação ou o medo de desiludir os familiares. Por outro lado, os pais, não encontram motivos para esconder aquilo que sucedeu aos filhos e muitas das vezes fazem até questão de divulgar como forma de alerta para a consciência de outros pais.

Segundo a presente investigação podemos verificar que os jovens relataram mais situações de *bullying* do que *cyberbullying*. Os adolescentes em acolhimento que sofreram de um dos fenómenos apenas referiram o *bullying* enquanto que os adolescentes que residem com as famílias relataram situações dos dois fenómenos.

Os motivos mais frequentemente mencionados pelos adolescentes desta amostra para explicar o *cyberbullying* foram motivos que invocam características de personalidade, sentimentos de superioridade e maldade por parte de quem pratica o *cyberbullying*. Contrariamente ao que aconteceu no estudo de Caetano, Amado, Martins, Simão, Freire & Pessoa (2017), em que os motivos mais mencionados foram motivos hedonistas e egóicos.

No que se refere às perspetivas dos familiares entrevistados verificou-se que consideram que a evolução da TD tem aspetos positivos e negativos. Desta forma, os familiares referiram que se os adolescentes acederem à internet de forma controlada e educativa podem tirar disso proveitos intelectuais, caso contrario se a utilização das TD for desregrada ou para fins unicamente de lazer isso pode levar ao aparecimento de vítimas e agressores de *cyberbullying*. Por outro lado, os familiares referiram que o desenvolvimento das mesmas causou uma grande dependência, pois reportam a opinião de que os adolescentes levam muitas horas “agarrados” a um dispositivo.

A mediação da internet por parte das famílias recai mais sobre conselhos de como o adolescente deve utilizar a internet de forma segura e apoio ao jovem quando existe alguma situação que o incomoda ou perturba do que dialogar sobre atividades ou estimular para explorar e aprender. As raparigas são quem têm mais atenção por parte das famílias do que os rapazes e, também, são mais quem procura ajuda familiar para resolver problemas relacionados com a internet (Ponte & Batista, 2019).

A análise dos dados do presente estudo, bem como de outros estudos mencionados evidenciam necessidade de por em prática formas de prevenir a exposição a conteúdos nocivos e projetos de prevenção do *cyberbullying*. Desta forma, deveríamos começar por trabalhar com os familiares através de formações sobre a internet de forma a que obtenham competências para conseguirem defenderem os adolescentes quando existem perigo de ocorrência de riscos. Visto que os professores também têm um papel muito importante na vida dos adolescentes poderíamos formar professores para ensinarem os adolescentes a utilizarem corretamente a internet. Também poderíamos trabalhar com o grupo de pares de forma a incentivá-los a uma utilização segura da internet, seria bom utilizar jogos ou atividades lúdicas com a finalidade de os ensinar a defenderem-se dos riscos que possam ocorrer.

Atualmente existem alguns programas para prevenir a ocorrência de *bullying* e *cyberbullying*, nomeadamente *Com@viver no 1º ciclo*, *Com@viver jogando*, *Com@viver online*, entre outros.

O programa *Com@viver no 1º ciclo* visa intervir antecipadamente, no contexto educativo, no âmbito do *cyberbullying* e do *bullying*. O mesmo consiste em formar professores, capacitá-los para reconhecerem e identificarem estes dois fenómenos, formá-los no sentido da formação/ intervenção, de forma a criar espaços escolares mais seguros e envolventes (Simão, Ferreira, Pereira & Oliveira, 2019).

O programa *Com@viver jogando* tem como objetivos primordiais compreender qual é o papel do observador no *cyberbullying* e desenvolver comportamentos pró-sociais entre os jovens através de um jogo *online* (ibidem).

A aplicação *Com@viver online* “pretende apoiar os adolescentes na regulação do seu comportamento em situações de *cyberbullying*, através da linguagem.” (Simão, Ferreira, Pereira & Oliveira, 2019:42).

A mesma consiste na utilização “utilizar a rede social *Twitter* e simultaneamente disponibiliza recursos psicoeducacionais e um sistema de deteção automática de *cyberbullying* para a prevenção do fenómeno e promoção de comportamentos pró-sociais” (Simão, Ferreira, Pereira & Oliveira, 2019:42).

Contudo, conclui-se que os objetivos que foram definidos inicialmente para a realização desta investigação foram alcançados e as questões de investigação, também, foram respondidas.

Logrou-se conseguir entender qual o conhecimento que os adolescentes e as famílias tinham sobre o *cyberbullying*, perceber qual foi o papel desempenhado nas situações de *cyberbullying* e/ ou *bullying*, compreender quais são as diferenças existentes entre os adolescentes que residem com a família e os que residem numa instituição de acolhimento, explicitar os tipos de riscos que existem no acesso à internet, saber o quão importante é a mediação da escola, amigos e família no acesso à internet e analisar as emoções e motivos associados ao *cyberbullying*.

A realização da presente investigação foi bastante pertinente, pois o fenómeno do *cyberbullying*, apesar de existir uma percentagem muito elevada de ocorrências, ainda é considerado uma incógnita para muitas famílias e adolescentes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, M., Álvarez de Toledo, L., Avilés, J.M., Fierro, A., Garcia, L., Gutiérrez, J.E.,... (2013). *Guía de actuación contra el ciberacoso. Padres y educadores*. Editado em 2013 pelo Ministério de industrias, Energia y Turismo. Acedido em outubro 2019 em <http://www.injuve.es/convivencia-y-salud/guia-de-actuacion-contra-el-ciberacoso>
- Caetano, A.P., Amado, J., Martins, M.J.D., Simão, A.M.V., Freire, I., & Pessoa, M.T.R. (2017). *Cyberbullying: Motivos da Agressão na Perspetiva de Jovens Portugueses*. Educação Social, Campinas, 38 (141), 1017-1034.
- Caetano, A.P., Amado, J., Martins, M.J.D., Simão, A.M.V., Freire, I., & Pessoa, M.T.R. (2017). *Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses*. Educ. Pesqui. São Paulo, 42 (1), 199-212
- Chicote, I. de P.M. & Martins, M.S.A. (2009). *Bullying: o pesadelo das escolas*. Nucleus, 6 (2), 345 – 354.
- Cruz, A.C.C. (2011). *O cyberbullying no contexto português*. ( Dissertação de Mestrado, Lisboa). Acedido em setembro 2019 em <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/disserta%C3%A7ao%20mestrado%20cyberbullying.pdf>.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, Conceitos e Critérios. *Adolescência e Saúde*, 2 (2), 6-7. ISSN 2177-5281. Acedido em junho 2018 em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. Lima, J.A. & Pacheco, J.A. (orgs.). *Fazer investigação de dissertações e teses* (pp.105-126). Porto: Porto Editora
- Freire, I., Alves, M.A., Breia, A.P., Conceição, D., & Fragoso, L. (2013). Cyberbullying e Ambiente Escolar: Um Estudo Exploratório e Colaborativo entre a Escola e a Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia, [S.l.]*, 47 (2), 43-64. ISSN 1647-8614. Acedido em junho 2018 em: <http://impactumjournals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1904> .

- Júnior, A.F.B., & Júnior, N.F. (2011). *A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos*. Evidências, 7 (7),237250. Acedido em junho de 2016 em [https://met2entrevista.webnode.pt/\\_files/20000003264776656e5/200-752-1-PB.pdf](https://met2entrevista.webnode.pt/_files/20000003264776656e5/200-752-1-PB.pdf)
- Livingstone, S., Haddon, L., & Görzig, A. (eds) (2012). *Children, Risk and Safety Online: Research and Policy Challenges in Comparative Perspective*. Bristol: Policy Press.
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings*. LSE, London: EU Kids Online . Acedido em outubro 2019 em [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net)
- Martins, M.D.J. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 18, núm. 1, 2005, pp. 93-115. Universidade do Minho. Braga. ISSN: 0871-9187
- Martins, M. J. D., Veiga Simão, A, Freire, I., Caetano, A P., & Matos, A (2016). Cyber-victimization and cyber-aggression among Portuguese adolescents: The relation to family support and family rules. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning*, 6, 3, 65-78. DOI: 10.4018/IJCBPL.2016070105
- Martins, M. J. D., Veiga Simão, A. M., Caetano, A P., Freire, I., Matos, A, Vieira, C., Pessoa, T., & Amado, J. (2019). Cyber-victimization and cyber-aggression: Personal and situational factors (cap.14 - pp. 255-271). In Yan, Z. (Ed.). *Analyzing Human Behavior in Cyberspace*. Hershey, PA: IGI Global. doi: 10.4018/978-1-5225-7128-5
- Martins, M.J.D. , Veiga Simão, A.M., & Azevedo, P. (2014). *Experiências de cyberbullying relatadas por estudantes do ensino superior politécnico /Cyberbullying experiences reported by polytechnic students*. In Veiga, F. (Ed.). *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas Internacionais da Psicologia e Educação / Students Engagement in School: International Perspectives of Psychology and Education*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-98314-8-3.

- Matos, A., Pessoa, T., Amado, J. & Jäger, T. (2011). Agir contra o cyberbullying – manual de formação. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania*. Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. ISBN 978-989-97244-1-9
- Matos, A.P.M., Vieira, C.C., Amado, J., Pessoa, T. & Martins, M.J.D. (2016): Cyberbullying in Portuguese Schools: Prevalence and Characteristics, *Journal of School Violence*, DOI: 10.1080/15388220.2016.1263796.
- Miguel, N. S. (1990). *Os Jovens e a Sexualidade*. Lisboa: Instituto da Juventude
- Ponte, C. & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal. Usos, Competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU kids Online e NOVA FCSH.
- Ponte, C., Jorge, A. , Simões, J. A., Cardoso, D.S. (2012). *Crianças e Internet em Portugal . Acessos, usos , riscos, mediações: resultados do inquérito europeu Eu Kids online*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Pereira, F.R. & Antunes, C. (2018). *Bullying. Ler & Saber*. Cascais: Presspeople.
- PORDATA (2018). *Agregados domésticos privados com computador, com ligação à internet e com ligação à internet através da banda larga*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Acedido em agosto de 2019 em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt)
- Sampaio, D. (2018). *Do mundo para o telemóvel – Pais e adolescentes no tempo da Internet*. Alfragide: Caminho.

- Simões, .J.A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J. & Azevedo, E. (2014). *Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile* .CESNOVA. ISBN: 978-989-97344-4-9.
- Seixas, S. , Fernandes, L. , & Morais, T. de (2016). *Cyberbullying – Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Platano Editora.
- Veiga Simão, A.M., Ferreira, P., Pereira, N. & Oliveira, S. (2019). Conviver: promover comportamentos pró-sociais. Investigação e intervenção no âmbito do cyber bullying. In M. Bastos (Ed.) *A Universidade ao encontro da inclusão*. Universidade Federal de Pelotas.

## **ANEXOS**

## INFORMAÇÃO E CONSENTIMENTO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Exmo(a). Encarregado (a) de Educação

Eu, Alexandra Silva Correia, mestranda na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, encontro-me a realizar uma investigação sobre a utilização das novas tecnologias e da internet, no âmbito do meu trabalho final de Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, sob a orientação da Professora Doutora Maria José Martins. Desta forma, o meu objetivo principal da investigação é analisar a utilização das novas tecnologias e da internet por parte dos jovens adolescentes.

Para cumprir o meu objetivo principal, venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe no meu estudo. O mesmo consistirá na realização de uma entrevista, ou seja, o seu educando terá de responder a uma série de questões colocadas por mim. A realização da mesma ocorrerá num horário a combinar com o seu educando.

A participação no estudo será de forma voluntária, podendo deixar de participar em qualquer instante. Os dados do participante serão anónimos, apenas aparecerá o sexo e a idade. Caso haja dúvidas sobre o estudo pode dirigir-se a mim pessoalmente ou através do e-mail a.c\_93@hotmail.com e responderei a todas as suas dúvidas.

A Mestranda

A Professora Doutora Orientadora

\_\_\_\_\_  
(Alexandra Correia)

\_\_\_\_\_  
( M<sup>a</sup> José Martins)

-----  
(Preencha e assine, por favor, abaixo do tracejado)

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado/a de educação de \_\_\_\_\_, declaro que tomei conhecimento do objetivo primordial do estudo e percebo que a participação do meu educando é voluntária, confidencial e anónima. Li e compreendi toda a informação que me foi dada, desta forma, autorizo que o meu educando participe na investigação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Encarregado de Educação)

## ENTREVISTA AOS FAMILIARES

**Nota:** Esta entrevista tem como finalidade estudar a opinião dos pais sobre as novas tecnologias e o uso da internet, como também analisar a reação dos pais perante algumas problemáticas que podem acontecer com a má utilização das novas tecnologias e da internet. Os dados da entrevista servem apenas para este estudo, não serão referidos nomes, apenas a idade e o sexo do(a) entrevistado(a).

1. Quais são os aspetos positivos e negativos que vê na utilização da internet e das tecnologias?
2. Acha que os jovens/ adolescentes estão dependentes das tecnologias/internet? Porquê?
3. Como relaciona a dependência das tecnologias com a época da sua infância/adolescência? Existem diferenças? Quais?
4. Como encara a forma como as crianças e os adolescentes de hoje em dia estarem tão dependentes das novas tecnologias?
5. Quando o seu filho acede à internet estabelece-lhe regras? Se sim, quais são as regras que estabelece?
6. Costuma falar com o seu filho sobre os problemas que o possam estar a preocupar?
7. Tenta saber o que é que o seu filho vê e/ou faz na internet? Se sim, o que costuma fazer?
8. Quando o seu filho (a) acede à internet costuma estar presente ou semi-presente?
9. Na altura em que o seu filho começou a utilizar as tecnologias e a internet explicou-lhe quais são os fatores negativos de uma má utilização das mesmas?
10. Como sabe, a má utilização da internet e das tecnologias pode trazer consequências graves. O *cyberbullying* é um dos fatores negativos que pode ocorrer quando isso sucede. Sabe no que é que consiste? Se sim, explique-me.
11. Sabe se algum dos seus filhos sofreu, alguma vez, de *cyberbullying*? Se sim, como é que se passou?

12. Na altura de resolver a situação, o que é que fez? Ou a situação ainda se mantém?
13. Caso a problemática tenha acontecido em meio escolar, acha que teve apoio/participação por parte da escola para resolver a situação?
14. Como é que encarou a situação de *cyberbullying* feito contra o seu filho? O que sentiu?
15. Sabe se o seu filho alguma vez praticou cyberbullying com outro menino?



## ENTREVISTA AOS ADOLESCENTES

**Nota:** Os dados da entrevista servem apenas para fins de estudo desta investigação, não serão referidos nomes, apenas a idade e o sexo do entrevistado.

1. Qual é a tua idade?
2. Qual é o ano escolar que frequentas? Como tem sido o teu percurso académico?
3. O que fazes nos teus tempos livres? Usas tecnologias nos teus tempos livres? Se sim, quais são as que usas? Para que finalidade as utilizas?
4. Em relação às tecnologias quais são as que conheces?
5. Tens computador, telemóvel ou *tablet* com acesso à internet? Se sim o que fazes quando acedes à internet?
6. Quanto tempo, por dia, costumas utilizar as tecnologias?
7. Quando utilizas a internet os teus familiares deixam-te estar à vontade ou estabelecem-te regras? Se sim, que tipo de regras?
8. Das vezes que acedes-te/ acedes à internet, alguma vez encontras-te alguma coisa que te chocasse ou que te impressionasse? Se sim, o quê?
9. Sabes que a má utilização da internet pode causar graves problemas, como por exemplo o *cyberbullying*. Sabes o que é *cyberbullying*? Podes descrever-me em que consiste?
10. Porquê é que achas que estas situações de *cyberbullying* acontecem?
11. Já te viste envolvido em alguma situação deste género? Eras a vítima o agressor ou apenas observaste a situação? O que fizeste para lidar com esta problemática?
12. Falaste com algum adulto sobre este assunto?
13. Sabes de algum amigo teu que tenha sofrido de *cyberbullying*?
14. Alguma vez praticaste bullying ou *cyberbullying* com algum colega? Porquê?
15. Quais foram as tecnologias utilizadas para este tipo de agressão?